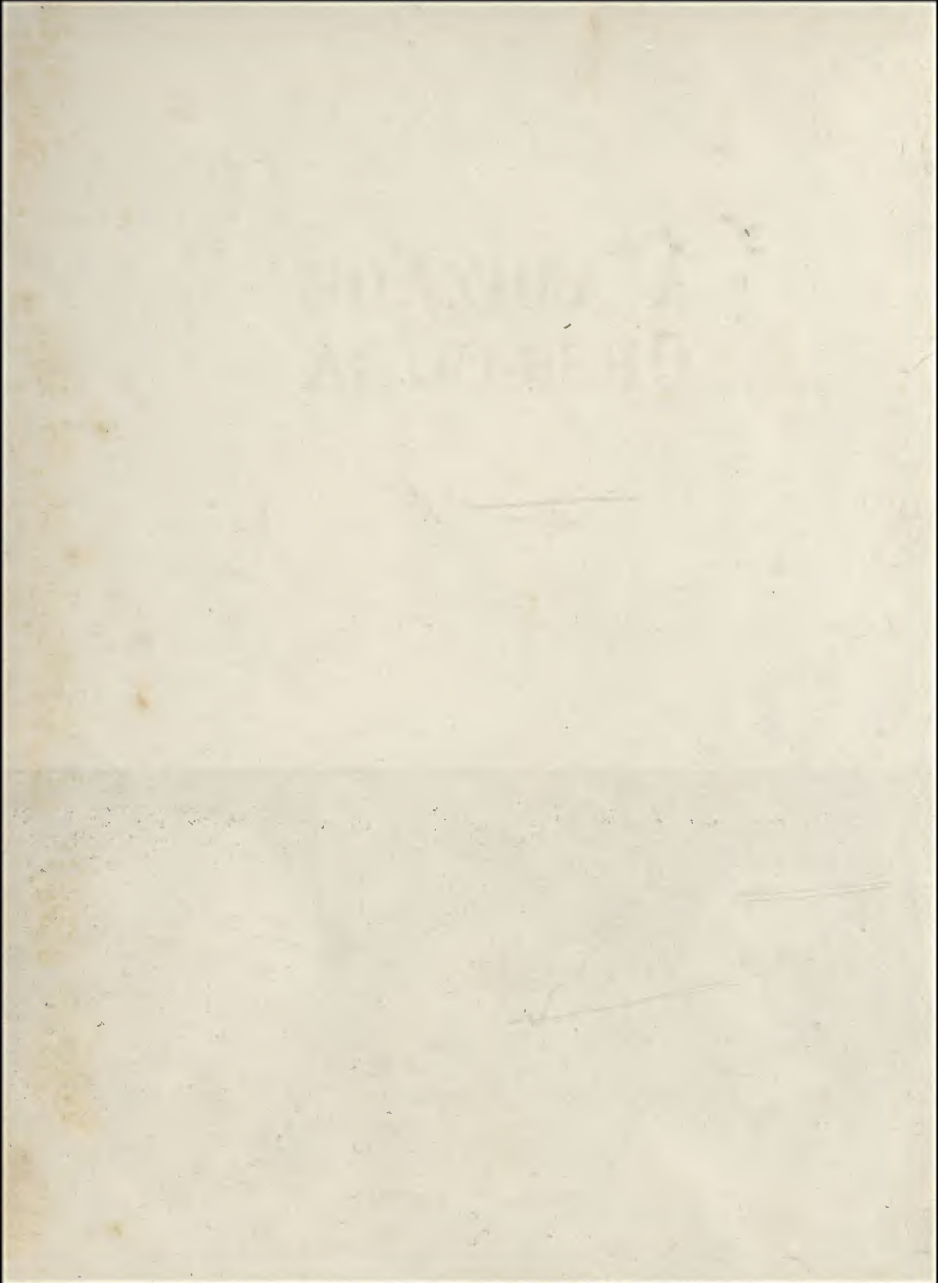


A AMIZADE URSS-CUBA





Asmiob 01 179,8

KRUSCHIOV - FIDEL CASTRO

A AMIZADE URSS-CUBA



EXPERIMENT - 1952 CASTRO

A MIRAZDE URS-CUDA



DECLARAÇÃO CONJUNTA CUBANO - SOVIÉTICA

Convidado pelo primeiro-secretário do PCUS, presidente do Conselho de Ministros da URSS, camarada N. S. Kruschiov, esteve na União Soviética em visita de amizade, de 27 de abril a 24 de maio de 1963, o primeiro-secretário da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, o camarada Fidel Castro Ruz.

Acompanharam o camarada Fidel Castro: o capitão Emilio Aragonés Navarro, membro do secretariado da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista; o comandante Sérgio do Vale Jimenez, membro da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e vice-ministro das Forças Armadas Revolucionárias; o comandante Guilherme Garcia Frias, membro da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e chefe do Exército Revolucionário Ocidental; o comandante Raul Curbelo Morales, membro da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e chefe da Força Aérea Revolucionária; o ministro da Economia, Regino Boti León, o vice-ministro do Comércio Exterior, Raul León Torres, e o embaixador da República de Cuba na URSS, Carlos Olivares Sánchez.

O camarada Fidel Castro e os companheiros cubanos que o acompanharam viajaram pela União Soviética e tomaram conhecimento da vida e das conquistas realizadas pelo povo soviético. Além da capital da União Soviética, Moscou, os hóspedes cubanos visitaram as cidades de Murmansk, Volgogrado, Tachkent, Samarkand, Irkutsk, Bratsk, Sverdlovsk, Leningrado e Kiev, conheceram uma série de grandes empresas industriais, colcoses e sovcoses, instituições culturais, científicas e centros docentes. Por toda parte os soviéticos saudavam calorosamente os enviados da heróica Cuba.



— 3 —



Os camaradas N. S. Kruschiov e Fidel Castro fizeram um repouso durante quatro dias nos arredores de Moscou.

Acompanhou o camarada Fidel Castro na R.S.S. da Ucrânia o membro do Presidium do CC do PCUS, primeiro-secretário do CC do PC da Ucrânia, N. V. Podgórnii; na R.S.S. do Usbequistão, o candidato a membro do Presidium do CC do PCUS, primeiro-secretário do CC do PC do Usbequistão, Sh. R. Rachídiv; na cidade de Volgogrado, o secretário do CC do PCUS, Yu. V. Andrópov; nas cidades de Irkutsk, Bratsk e Sverdlovsk, o secretário do CC do PCUS, A. P. Rudacov. Durante a viagem pela URSS, acompanharam também o hóspede o primeiro vice-ministro das Relações Exteriores da URSS, V. V. Kusnetsov, o embaixador da URSS na República de Cuba, A. I. Alexeiev, bem como o chefe da seção dos países latino-americanos do Ministério das Relações Exteriores da URSS, V. I. Bazikin.

O camarada Fidel Castro participou dos comícios populares na Praça Vermelha e no Estádio Lênin em Moscou, assim como em outras cidades da União Soviética. A visita do primeiro-secretário da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista, primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, camarada Fidel Castro, e suas entrevistas com operários, colcosianos, destacados homens de cultura e cientistas, com estudantes, transformaram-se numa brilhante demonstração de amizade fraternal entre os povos da União Soviética e da República de Cuba.

Durante a estada em Moscou e o repouso nos arredores de Moscou, o camarada Fidel Castro manteve entrevistas e conversações com o camarada N. S. Kruschiov.

Do lado de Cuba participaram das conversações: o capitão Emilio Aragonés Navarro, membro do secretariado da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista; o comandante Sérgio do Vale Jimenez, membro da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e vice-ministro das Forças Armadas Revolucionárias; o comandante Guilherme Garcia Frias, membro da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e chefe do Exército Revolucionário Ocidental; o comandante Raul Curbelo Morales, membro da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e chefe da Força Aérea Revolucionária; o ministro da Economia, Reglno Botí León; o vice-ministro do Comércio Exterior, Raul León Torras; e o embaixador da República de Cuba na URSS, Carlos Olivares Sánchez.



Do lado soviético, tomaram parte nas conversações o presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS, L. I. Brézhnev; o primeiro-vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, A. N. Kosigum; o primeiro-vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, S. I. Mikoia; o secretário do CC do PCUS, M. N. Suslov; o secretário do CC do PCUS, V. Andrópov; o ministro das Relações Exteriores da URSS, A. A. Gromiko; o ministro da Defesa da URSS, R. Y. A. Malinovsk; o primeiro-vice-ministro das Relações Exteriores da URSS, V. V. Kusnetsov; o embaixador da URSS na República de Cuba, A. I. Alexeiev.

Durante as conversações, teve lugar profundo e sincero intercâmbio de opiniões a respeito das questões do fortalecimento e desenvolvimento posterior das relações de fraternal amizade e de colaboração entre a República de Cuba e a URSS, assim como a respeito dos problemas internacionais de interesse mútuo. Os camaradas Fidel Castro e N. S. Kruschiov discutiram as questões atuais do movimento operário internacional.

As entrevistas e conversações transcorreram em ambiente cordial e de plena compreensão mútua, demonstrando a unidade de opiniões de ambas as partes a respeito de todos os problemas discutidos.

I

Os povos da União Soviética saudam calorosamente o heróico povo cubano, que está edificando com êxito uma sociedade socialista. A revolução popular democrática anti-imperialista em Cuba foi realizada pelos operários e camponeses cubanos, tendo à frente o destacado herói revolucionário, herói nacional de Cuba, Fidel Castro, que lutaram de armas na mão contra a tirania política dos exploradores, arrebataram o poder à burguesia nacional e aos monopólios estrangeiros e criaram o primeiro Estado socialista na América — e isso foi um importante acontecimento na história mundial contemporânea.

Os cidadãos soviéticos alegram-se pelos grandes êxitos dos trabalhadores cubanos, obtidos na edificação estatal, econômica e cultural. No interesse do povo, realizam-se radicais transformações econômicas e sociais. Liquidou-se definitivamente o domínio dos monopólios estrangeiros. Realizou-se uma reforma agrária radical, que libertou da mais cruel exploração centenas de milhares de trabalhadores do campo, entregando a terra aos que a trabalham. Cria-se, com êxito, a indústria nacional, levam-se a cabo as medidas



visando superar, em breve prazo, a dolorosa herança do passado: o desenvolvimento unilateral da economia.

Cuba é o primeiro e único país na América Latina que acabou com o analfabetismo. Leva-se a cabo um amplo programa de formação de quadros nacionais de engenheiros e técnicos, cientistas e educadores.

Todos esses êxitos foram possíveis graças ao enorme entusiasmo e à coesão do povo cubano, o qual, sob a direção do Partido Unificado da Revolução Socialista, tendo à frente o camarada Fidel Castro, está construindo a nova vida, apoiando-se na solidariedade fraternal e na ajuda dos países da comunidade socialista.

Cresceu, como nunca, o prestígio internacional da República de Cuba, a qual marcha na primeira fila dos Estados que defendem ativamente os interesses da manutenção e fortalecimento da paz, que lutam decididamente pelo triunfo dos princípios da coexistência pacífica, pelo desarmamento geral e completo, pela liquidação definitiva do sistema colonial. Cuba converteu-se no símbolo de coragem e ânimo inquebrantável na luta dos povos contra o domínio dos monopólios estrangeiros, por sua completa libertação nacional, por um futuro melhor.

O primeiro-secretário da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, camarada Fidel Castro, assinala o tratamento excepcionalmente caloroso e cordial por parte da população da União Soviética para com a República de Cuba. Em nome do povo cubano, expressou admiração pelas grandes conquistas políticas e no trabalho do povo soviético, que, sob a direção do Partido Comunista, concluiu a construção da sociedade socialista e leva a cabo uma ampla edificação do comunismo.

O camarada Fidel Castro ressaltou que tais vitórias, histórico-universais do povo soviético, fortalecem o poderio de toda a comunidade socialista, demonstram com toda evidência a força e a invencibilidade das idéias do marxismo-leninismo, a superioridade do socialismo sobre o capitalismo. alentam os povos na luta pela paz, a democracia e o socialismo. A utilização criadora da grande experiência da União Soviética, a generosa ajuda bem como toda espécie de apoio prestados pela União Soviética e demais países da comunidade socialista, auxiliam os trabalhadores de Cuba a resolverem as tarefas da edificação socialista em seu país.

A parte cubana acentuou, em especial, o destacado con-



curso da União Soviética à causa da luta pela manutenção e fortalecimento da paz em todo o mundo, pelo desarmamento geral e completo, pela libertação dos povos do jugo colonial, pelo progresso social e pelo bem-estar de todos os povos.

II

No decorrer das entrevistas e conversações entre os camaradas Fidel Castro e N. S. Kruschiov, teve lugar o intercâmbio de opiniões acêrca do ulterior desenvolvimento da colaboração de Cuba e da União Soviética e da situação na região do Caribe.

As partes assinalam que se leva a cabo a construção da nova Cuba em condições difíceis e complexas. Os círculos reacionários dos EUA, desde os primeiros dias da existência do Estado revolucionário cubano, fazem todo o possível para liquidar as conquistas do povo cubano e impor de novo o jugo da exploração imperialista.

Desprezando grosseiramente os princípios da Carta da ONU e as normas universalmente reconhecidas do Direito Internacional, os EUA procuram intervir nos assuntos internos da República de Cuba, organizando e dirigindo a atividade subversiva contra o novo regime social e estatal de Cuba, enviando bandos armados de vermes à Ilha da Liberdade. Os EUA aplicam a política de agressão econômica contra Cuba, exercem pressão sem precedentes sobre seus aliados através de blocos militares e sobre outros países, tentando associá-los a essa política.

Os Estados Unidos da América do Norte quiseram isolar a República de Cuba no sentido político, e, sobretudo, dos povos dos países da América Latina. Para isso, utilizam a Organização dos Estados Americanos, apoiando-se nos representantes dos regimes de ditadura militar.

Cuba, porém, amante da liberdade, não tremeu nem diante da chantagem política e da pressão econômica, nem diante da intervenção armada direta. As forças armadas da República de Cuba derrotaram, em abril de 1961, na Praia Girón, o exército mercenário apetrechado com as armas norte-americanas e adestrado nos campos militares dos EUA e nos de seus sequazes.

Cuba revolucionária manteve bem alta a bandeira da liberdade e da independência nos ameaçadores dias de outubro de 1962, quando os EUA, ao prepararem a nova intervenção armada contra o povo cubano, com suas ações agressivas, tornaram a situação na região do Caribe extremamente perigosa; o resultado foi o aparecimento de uma



crise internacional, que levou o mundo à beira de uma guerra total nuclear e de foguetes.

Nesse momento mais tenso, os dirigentes do Governo Revolucionário da República de Cuba, encabeçados por Fidel Castro, bem como todo o povo cubano manifestaram a inquebrantável decisão de defender as conquistas de sua revolução, a honra e a liberdade de Cuba. O povo cubano, fiel a suas heróicas tradições, levantou-se em defesa da Pátria, dispostos a lutar, até o último homem, contra os intervencionistas estrangeiros.

A posição firme da União Soviética e demais países socialistas em defesa de Cuba revolucionária, a firmeza e o bom-senso na compreensão da situação criada, manifestada pelos estadistas responsáveis de Cuba e da União Soviética, o apoio prestado a Cuba por todos os Estados amantes da paz, evitaram a guerra termonuclear. Eliminou-se o perigo imediato do ataque armado contra Cuba. Hoje em dia, Cuba revolucionária representa um exemplo de coragem inquebrantável e de firmeza na luta pela independência, pelo direito de criar uma vida nova, sem exploradores.

As partes assinalam que, embora o perigo imediato da intervenção em Cuba tenha sido eliminado, existe ainda a tensão na região do Caribe. Poder-se-ia obter a normalização da situação à base da realização dos Cinco Pontos propostos pelo primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, Fidel Castro, os quais incluem: a cessação de todas as medidas de pressão econômica; de toda atividade subversiva; dos ataques partidos das bases situadas nos EUA e em Porto Rico; de todas as intromissões dos aviões militares e dos vasos de guerra dos EUA no espaço aéreo e nas águas territoriais de Cuba; a evacuação da base naval dos EUA do território cubano, em Guantánamo.

O governo soviético apóia esses princípios, com toda decisão, porque eles correspondem plenamente à Carta da ONU e refletem o desejo do Governo Revolucionário de Cuba de encontrar a solução pacífica das questões em litígio, que criam o estado de tensão nessa parte do mundo.

O governo de Cuba e o governo da União Soviética partem do fato de que Cuba revolucionária não ameaça ninguém. O caminho do desenvolvimento e das transformações sociais no país, escolhido pelo povo cubano, é assunto interno seu e ninguém tem direito de intervir nele. Ambos os governos declaram, enfaticamente, sua fidelidade ao princípio de não-intervenção dos Estados nos assuntos internos de outros países e confirmam solenemente que os princí-

pios pacíficos da Organização das Nações Unidas, inclusive o princípio do respeito à soberania dos Estados, encontram pleno apoio, porque correspondem aos interesses da paz e da amizade entre todos os povos.

A parte cubana declara que o povo cubano aprecia em alto grau o apoio político e moral bem como a ajuda prestada pela União Soviética. As declarações do governo da URSS e de seu chefe, o camarada N. S. Kruschiov, a defesa feita pela União Soviética dos interesses de Cuba na Organização das Nações Unidas e em outros foros internacionais, as intervenções das organizações sociais de massa da URSS em apoio a Cuba, a ajuda econômica e militar da União Soviética, representaram importantíssimo papel na luta do povo cubano pela sua liberdade e independência, contra a ameaça imperialista do exterior.

A União Soviética prestou, e continua prestando, ajuda eficaz a Cuba no fortalecimento de sua capacidade defensiva. A União Soviética, a pedido do governo cubano, ajudou Cuba a formar um exército forte, bem preparado e municiado com o mais moderno equipamento bélico — exército capaz de replicar a qualquer atentado à soberania e à liberdade do Estado cubano.

Durante as conversações entre os camaradas Fidel Castro e N. S. Kruschiov a parte soviética confirmou que, se forem violadas as obrigações assumidas pelo presidente dos EUA no sentido de não intervir em Cuba e se cometerem uma agressão contra ela, a União Soviética cumprirá, nesse caso, seu dever internacional perante o povo fraternal de Cuba, prestando-lhe a necessária ajuda para defender a liberdade e independência da República de Cuba, com todos os meios a seu alcance. Os organizadores da agressão devem ter consciência de que a intervenção contra Cuba porá a humanidade diante do perigo de uma guerra termonuclear e de foguetes arrasadora.

As partes examinaram as questões relacionadas com a execução dos acordos soviético-cubanos sobre comércio, colaboração econômica, técnica, científica e cultural, assinando com satisfação que esses acordos estão sendo cumpridos com êxito.

A União Soviética amplia sem cessar as compras de mercadorias de exportação tradicional cubana e, junto com os demais países socialistas, tudo faz para satisfazer às necessidades urgentes de Cuba em equipamentos e matérias-primas para a indústria e em mercadorias de consumo para a população do país.



A União Soviética presta também a necessária ajuda no transporte das mercadorias que Cuba compra e vende.

As partes expressam satisfação pelo fato de que a colaboração econômica entre Cuba e a URSS adquire um caráter cada dia mais amplo e multilateral. A União Soviética presta assistência técnica a Cuba, nos trabalhos de exploração geológica, na ampliação e reconstrução de três usinas metalúrgicas, na construção de uma grande central termoelétrica, no desenvolvimento da indústria química e de níquel, na pesca industrial, na realização dos urgentes trabalhos de irrigação e secagem de terras. Tem grande importância a construção de uma usina mecânica, que está sendo levada a cabo com a ajuda da União Soviética.

A União Soviética ajuda a República de Cuba na formação dos quadros nacionais, ensinando a cidadãos cubanos na URSS e criando centros docentes em Cuba.

Desenvolve-se com êxito a colaboração entre as organizações e instituições soviéticas e cubanas na esfera da cultura, ciência, instrução, ensino, saúde e desportos.

No decorrer das conversações, chegou-se a acôrdo sobre as medidas a respeito do ulterior desenvolvimento das relações econômicas, comerciais e científico-culturais entre a República de Cuba e a URSS.

Guiando-se pelo desejo de contribuir para o fortalecimento da economia socialista de Cuba fraternal e levando em conta que ultimamente o preço do açúcar em bruto aumentou consideravelmente no mercado mundial, o governo soviético, modificando o acôrdo gigante, propôs, por sua própria iniciativa, o aumento do preço do açúcar em bruto cubano que está comprando, no ano de 1963, a fim de ajustá-lo aos níveis alcançados no mercado mundial. O governo soviético parte do ponto de vista de que a produção de açúcar é um dos principais ramos da economia de Cuba e de que o aumento do preço de açúcar desempenhará papel efetivo no fortalecimento da situação econômica da República de Cuba.

A parte cubana aceitou essa proposição do governo soviético.

III

O intercâmbio de opiniões entre os camaradas Fidel Castro e N. S. Kruschiov confirmou que ambas as partes estão de acôrdo na apreciação da situação internacional, bem como a respeito das posições comuns na luta pela manutenção e fortalecimento da paz.

Nossa época, cujo principal conteúdo consiste na pas-



sagem do capitalismo ao socialismo, iniciado pela Grande Revolução Socialista de Outubro, é a época da luta de dois sistemas sociais opostos, a época das revoluções socialistas e das revoluções de libertação nacional, a época da derrocada do imperialismo e da liquidação do sistema colonial, a época da passagem de um número cada vez maior de povos para o caminho do socialismo, do triunfo do socialismo e do comunismo em escala mundial. Todo o curso do desenvolvimento mundial, nos últimos anos, confirmou plenamente que o principal traço característico da nossa época é a transformação do sistema socialista mundial no fator decisivo do desenvolvimento da sociedade humana. O crescimento do poderio econômico e militar do sistema socialista mundial, os êxitos da luta de libertação nacional e do movimento comunista e operário internacional reduzem as possibilidades do imperialismo de influir na marcha do processo histórico.

Verifica-se um aprofundamento incessante da crise geral do capitalismo e todas as suas contradições se aguçam. Modificou-se a disposição das forças dentro do campo imperialista. O centro econômico, político e militar do imperialismo transferiu-se da Europa para os Estados Unidos da América do Norte, que são agora o baluarte principal da reação mundial. Utilizando a política de blocos militares, dos agrupamentos econômicos e políticos fechados, os EUA procuram esmagar os movimentos de libertação dos povos e submeter a seu domínio os demais Estados capitalistas. Isso conduz ao aprofundamento de divergências existentes e ao aparecimento de novos centros de rivalidade imperialista e de conflitos.

A essência antipopular e rapace do imperialismo não mudou. Portanto, continua o perigo do desencadeamento de uma guerra mundial. Porém o imperialismo, ao mesmo tempo, não pode deixar de levar em conta que, ao decidir iniciar a guerra termonuclear mundial, se exporá ao perigo de ser destruído.

A base da luta dos povos contra o imperialismo, a garantia de sua vitória, é a ligação mútua e a unidade de ação de todas as grandiosas forças revolucionárias da atualidade, os povos que estão construindo o socialismo e o comunismo, o movimento operário revolucionário internacional, o movimento de libertação nacional, de todas as forças que se pronunciam a favor da causa da paz e do progresso.

A situação internacional contemporânea favorece a luta revolucionária dos povos. O poderio do sistema socialista



mundial cresce e se fortalece a cada ano. Amplia-se a luta da classe operária e de todos os trabalhadores nos países capitalistas, contra os monopólios, contra toda exploração, pela derrubada dos regimes fascistas e outros regimes tirânicos, pelo progresso social. Amplia-se cada vez mais o movimento camponês, a luta pelas reformas agrárias e pela liquidação do domínio dos monopólios e dos feudais que saqueiam as massas camponesas. A poderosa envergadura do movimento de libertação nacional dos povos da América Latina, Ásia e África pela independência nacional e pela liquidação total do colonialismo e do neo-colonialismo sob todas as suas formas, impõe derrotas, cada vez mais frequentes, às potências imperialistas e às suas coalizões. Tudo isso se funde, atualmente, numa torrente revolucionária mundial, única, que enfraquece e destrói o capitalismo.

Os partidos comunistas e operários nos países capitalistas, que são os verdadeiros intérpretes e defensores dos interesses nacionais, aumentaram a força de sua influência. Dão sua contribuição à grande causa da luta de todos os trabalhadores, de todo o movimento de libertação para a solução dos problemas radicais da atualidade no interesse da paz, da democracia, da independência nacional e do socialismo. As mais amplas massas populares unem-se em torno desses partidos.

As partes assinalam com absoluta unanimidade que, nas atuais condições, a luta pela paz é a tarefa principal da humanidade, e o dever de todas as forças amantes da paz consiste em não deixar que os círculos agressivos das potências imperialistas desencadeiem uma nova guerra termonuclear, o que traria perigosíssimas conseqüências para a humanidade. Não existe, em nosso tempo, a inevitabilidade fatal da guerra mundial. A crescente preponderância das forças do socialismo sobre as forças do imperialismo, das forças da paz sobre as forças da guerra, permite considerar-se que conjurar o conflito mundial termonuclear é uma tarefa perfeitamente real, cuja solução pertence às forças dos povos.

As partes cubana e soviética confirmam, mais uma vez, que lutarão incansavelmente para o triunfo da política leninista de coexistência pacífica. Nas condições da existência de Estados com regimes político-sociais diversos, os princípios da coexistência pacífica são a única base correta e racional para resolver os assuntos internacionais. Correspondem plenamente aos interesses vitais de todos os povos, servem à causa da consolidação da paz e segurança de todos



os Estados e defendem o sagrado direito dos povos de decidirem seu destino por conta própria.

As potências imperialistas opõem à política de coexistência pacífica a política aventureira das "posições de força". Acelerando a corrida armamentista nuclear, aumentando a atividade de seus blocos agressivos militares, essas potências imperialistas impelem o mundo, passo a passo, para o abismo de uma catástrofe bélica. Os planos de criação das forças nucleares da OTAN, elaborados pelas potências ocidentais, são dirigidos exatamente para êsse fim: levam à difusão da arma nuclear a novas regiões do globo terrestre e abrem o acesso da arma nuclear para os militaristas e revanchistas da Alemanha ocidental.

Cuba e a União Soviética consideram que tais ações dos EUA e de seus aliados tornam ainda mais aguda a tensão internacional, exigindo das forças amantes da paz que aumentem a vigilância e intensifiquem a luta pela solução pacífica dos importantes problemas internacionais.

Os camaradas Fidel Castro e N. S. Kruschiov consideram necessário acentuar a decisiva importância da realização do programa de desarmamento geral e completo, para que se possa conjurar a guerra termonuclear e garantir uma paz sólida. A realização desse programa permitiria, não só impossibilitar a guerra entre os Estados, como também utilizar os imensos recursos materiais, que nesse caso se libertariam, para o desenvolvimento econômico e cultural de todos os países do mundo, entre os quais os países economicamente subdesenvolvidos.

As partes assinalam que as potências ocidentais, embora concordem, de palavra, com a idéia do desarmamento geral e completo, ocupam na realidade uma posição que dificulta o acôrdo sobre a sua realização.

O povo cubano saúda e apóia os esforços que a União Soviética realiza na luta para solucionar o problema do desarmamento. O projeto de tratado do desarmamento geral e completo proposto pelo govêrno da URSS, bem como os passos práticos e as proposições construtivas da parte soviética nas negociações sobre o desarmamento, que vão ao encontro dos desejos das potências ocidentais, apresentam uma base real para obter-se o acôrdo — que é o que todos os povos exigem.

A República de Cuba e a União Soviética declaram que não pouparão esforços agora e no futuro para retirar dos ombros dos povos a pesada e perigosa carga da corrida armamentista.



As partes cubana e soviética assinalam que somente a posição das potências ocidentais é que bloqueia agora a solução do problema da cessação geral de todas as experiências com a arma nuclear. A República de Cuba apóia as proposições construtivas da União Soviética a respeito dessa questão.

No decorrer do intercâmbio de opiniões, o camarada N. S. Kruschiov expôs o ponto de vista do governo soviético a respeito da solução pacífica do problema alemão. A parte soviética expressou preocupação pela prolongada ausência do tratado de paz alemão, que enfraquece os fundamentos da paz e torna mais complexa a solução de muitos problemas internacionais. Até que a regularização pacífica do problema alemão e a normalização, sobre sua base, da situação em Berlim ocidental não forem solucionadas de maneira positiva, não é possível esperar-se seja firmemente assegurada a paz e, sobretudo, a paz na Europa.

A parte cubana declarou compartilhar a posição do governo soviético a respeito do problema alemão e expressou a convicção de que a mais rápida regularização pacífica do problema alemão é necessária para aliviar a tensão internacional e consolidar a paz em todo o mundo.

A República de Cuba e a União Soviética condenam enérgicamente o colonialismo, considerando intolerável tal situação, quando no continente africano, na Ásia e na América Latina ainda existem dezenas de territórios coloniais e países dependentes, cuja população vive em condições de cruel exploração e arbítrio.

Os colonizadores, utilizando os agressivos blocos militares da OTAN, SEATO e outros, não se detêm diante de nada para conservar o domínio da economia nos países libertados e para influir na sua política. Exemplo de tal política é o programa da "Aliança para o Progresso", proposto pelos Estados Unidos da América do Norte, cujo destino é o de servir de bloco para a continuação do saque aos povos da América Latina.

As partes assinalam que as Declarações de Havana têm importância histórica para a luta nacional-libertadora dos povos da América Latina e indicam corretamente o curso dos acontecimentos.

A República de Cuba e a União Soviética expressam a solidariedade incondicional e o apoio a todos os povos que lutam por sua libertação, pela consolidação de sua independência política e econômica e pela liquidação das graves consequências do colonialismo.



As partes se pronunciam vigorosamente a favor do cumprimento inadiável e completo da Declaração da Assembléa Geral da ONU a respeito da concessão da independência aos países e povos coloniais, e são de opinião que a luta pela liquidação mais rápida e definitiva do colonialismo sob tôdas as formas e manifestações é tarefa inadiável de tôdas as forças amantes da liberdade.

Ambas as partes manifestam-se decisivamente contra as ações subversivas das forças reacionárias no Laus, as quais recebem apoio dos EUA. Tais ações, inspiradas pelas forças imperialistas, são contrárias aos acôrdos de Genebra referentes ao Laus e criam séria ameaça à paz nessa região. As partes declaram seu firme apoio ao Laus independente, neutro e amante da paz.

As partes condenam a agressão armada dos EUA no Vietnã do Sul, onde as tropas norte-americanas, utilizando meios bárbaros, levam a cabo a "guerra não-declarada" contra a população pacífica. As partes insistem categoricamente na cessação da grosseira e descarada intervenção dos EUA bem como na completa aplicação dos acôrdos de Genebra sôbre a unificação do Vietnã. Os povos cubano e soviético exprimem sua completa solidariedade à justa luta do povo vietnamita contra a intervenção estrangeira, pela unificação pacífica de seu país, de acôrdo com o previsto nos acôrdos de Genebra de 1954.

Ambas as partes assinalam que o obstáculo fundamental no caminho da unificação pacífica da Coréia, bem como a causa principal das calamidades e sofrimentos do povo da Coréia do Sul, é a ocupação dessa parte da Coréia pelas tropas dos EUA. As partes expressam sincera simpatia e apoio ao povo coreano, o qual luta contra a ocupação continuada da Coréia do Sul, pela reunificação pacífica de sua pátria e apóiam o justo pedido do govêrno da República Popular Democrática da Coréia, sôbre a retirada da Coréia do Sul de tôdas as tropas estrangeiras. As partes cubana e soviética estão certas de que o povo coreano obterá a vitória definitiva na sua justa luta pela unificação do país,

Ambas as partes manifestam-se a favor do mais amplo desenvolvimento do comércio internacional e de colaboração econômica, à base dos princípios de reciprocidade, igualdade de direitos e não-admissão de discriminação e intervenção nos assuntos internos dos Estados. As partes se baseiam no fato de que o comércio livre, igual em direitos e de proveito mútuo é importantíssimo fator para o fortalecimento da amizade e colaboração entre os povos, no desenvolvi-



mento da confiança e da compreensão mútua entre os Estados.

As potências imperialistas e, em primeiro lugar, os EUA, aplicam, na esfera do comércio exterior, a política de grosseira discriminação, de criação de agrupamentos econômicos fechados e de imposição de condições injustas a outros países, ditadas pelos monopólios e pelos planos da corrida armamentista. Tal política, em relação a numerosos países da América Latina, África e Ásia, conduz ao intercâmbio não-equivalente e significa nada mais nada menos que o saque direto dos recursos nacionais desses países pelos monopólios estrangeiros. O caminho para a desorganização do comércio mundial é contrário aos interesses dos povos, inclusive dos povos dos próprios países capitalistas, e cria dificuldades adicionais para a normalização da situação internacional.

As partes apoiam a resolução, aprovada pela XVII Assembléia Geral da ONU, de convocar-se uma conferência internacional a respeito das questões do comércio e desenvolvimento, que se destina a contribuir para a normalização do comércio mundial entre todas as regiões e todos os países do mundo, sem barreiras artificiais de qualquer espécie e sem discriminação, à base dos princípios de igualdade e proveito mútuo. Ambas as partes se esforçarão para que essa conferência internacional cumpra com êxito as importantes tarefas colocadas diante dela.

A República de Cuba e a União Soviética consideram que se deve pôr fim à grosseira arbitrariedade dos imperialistas, que opõem obstáculos ao restabelecimento dos legítimos direitos da República Popular Chinesa na ONU. Não permitindo resolver esse problema, pendente há muito tempo, as potências imperialistas, e, em primeiro lugar os EUA, causam grande dano à autoridade e ao prestígio da ONU e dificultam a solução dos mais importantes problemas internacionais.

Ambas as partes declaram que se esforçarão também, no futuro, para restabelecer, sem demora, os legítimos direitos da República Popular Chinesa na Organização das Nações Unidas.

IV

Durante a estada na URSS do camarada Fidel Castro e seus acompanhantes, teve lugar um amplo intercâmbio de opiniões entre a direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista (PURS) e o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética a respeito do desen-



volvimento posterior das relações partidárias entre o PURS e o PCUS, bem como a respeito dos problemas atuais do movimento comunista internacional.

O Partido Comunista da União Soviética saúda fraternalmente o Partido Unificado da Revolução Socialista de Cuba, que unifica as forças avançadas revolucionárias do país e que se converteu no dirigente das massas trabalhadoras na edificação da sociedade socialista. Continuando e aprofundando as gloriosas tradições do movimento revolucionário em Cuba, o PURS une todo o povo trabalhador para a heróica defesa das conquistas da Revolução e para o trabalho abnegado, conduzindo o povo cubano para o luminoso futuro socialista.

As partes assinalam que os laços fraternais partidários entre o PURS e o PCUS se fortalecem e se desenvolvem, dão resultados palpáveis, enriquecem reciprocamente ambos os partidos com a experiência da edificação partidária e estatal, contribuem ativamente para o avanço dos povos de Cuba e da URSS pelo caminho do socialismo e do comunismo. As relações do PURS e o PCUS erguem-se sobre os princípios inquebrantáveis do internacionalismo proletário e da solidariedade fraternal, da igualdade dos partidos, sobre os elevados sentimentos de amizade e camaradagem. O PURS e o PCUS tencionam, futuramente, trocar delegações e grupos de militantes do partido bem como as informações que sejam de interesse mútuo.

O PURS e o PCUS dão grande importância à consolidação da unidade do movimento comunista internacional, à base dos princípios leninistas do internacionalismo proletário. A unidade de todos os partidos marxista-leninistas baseia-se na comunidade de interesses, objetivos e ideais, na fidelidade ao marxismo-leninismo, nos princípios do internacionalismo proletário. Qualquer enfraquecimento dessa unidade daria somente vantagens aos inimigos jurados do comunismo — aos imperialistas e reacionários de qualquer espécie. A violação dessa unidade debilitaria a frente da luta contra o imperialismo, pela paz, a democracia e o socialismo, pela libertação nacional dos povos do colonialismo e do neocolonialismo. A unidade de todos os países da grande comunidade socialista é a maior garantia para conter e frear as forças agressivas do imperialismo.

O PURS e o PCUS lutaram e continuarão a lutar, conseqüentemente, pela unidade e solidariedade fraternal dos partidos comunistas e operários, levarão à prática conseqüentemente os princípios leninistas nas relações entre os partidos comunistas e operários.



Ambos os partidos colocam-se firmemente nas posições, expostas nas declarações das conferências de Moscou dos partidos comunistas de 1957 e 1960, e levam a cabo sua política e sua atividade prática, guiando-se por êsses importantíssimos documentos.

Ambos os partidos baseiam sua política em que o conteúdo principal de nossa época é a passagem do capitalismo para o socialismo, iniciado pela Grande Revolução Socialista de Outubro. Esse inevitável processo histórico, sendo comum a todos os países no fundamental, na essência das transformações econômico-sociais e político-sociais transcorre diversamente em diferentes formas concretas, na dependência das condições nacionais, internas e externas e das particularidades de um ou outro país. O PURS e o PCUS consideram que a questão sobre o caminho pacífico ou não-pacífico para o socialismo em cada país será resolvido definitivamente pelos próprios povos que lutam e de acordo com a correlação concreta das forças de classe e com o grau de resistência das classes exploradoras à transformação socialista da sociedade.

O PURS e o PCUS, de acordo com a Declaração dos Representantes dos Partidos Comunistas e Operários de 1960, consideram que "nas condições da divisão do mundo em dois sistemas, o único princípio correto e racional das relações internacionais é o princípio da coexistência pacífica entre Estados de diferentes regimes sociais, formulado por V. I. Lênin e que recebeu posterior desenvolvimento na Declaração de Moscou e no Manifesto da Paz de 1957, nas resoluções dos XX e XXI Congressos do PCUS, bem como nos documentos de outros partidos comunistas e operários". As condições da coexistência pacífica dos Estados de regime social diferente correspondem, na atual época histórica, às tarefas da luta antilperialista nacional-libertadora dos povos, da plena libertação nacional dos países antes dependentes e coloniais, inclusive a obtenção, por êles, da independência econômica. A coexistência pacífica cria amplas possibilidades para o rápido crescimento econômico dos Estados socialistas, para o aumento do bem-estar dos povos desses países, para o amplo desenvolvimento de sua cultura, que é testemunha evidente da indiscutível preponderância do socialismo sobre o capitalismo. Após conquistar o poder político, a classe operária surge como o construtor de um mundo novo. Com a força de seu exemplo, com os êxitos na construção econômica, ela atrai e dirige outras camadas da sociedade.

O ambiente da coexistência pacífica contribui para o incremento da influência dos partidos comunistas e operários, para a ampliação da frente de luta pelo socialismo. Exemplo temos na heróica Cuba, que entrou no caminho do socialismo. Exatamente na situação de coexistência pacífica dos Estados com diferentes regimes sociais, é que povos de mais de quarenta países conquistaram a liberdade e empreenderam o caminho da superação da dependência econômica dos Estados imperialistas.

O PURS e o PCUS ressaltam que a realização conseqüente, pelos países do socialismo, da política de coexistência pacífica, não significa de modo algum a cessação ou o enfraquecimento da luta política e ideológica contra o imperialismo, a renúncia ao desmascaramento de sua essência antipopular e profundamente reacionária. O PURS e o PCUS aplicam a política de pleno apoio ao movimento antiimperialista, de libertação nacional dos povos, lutam pela completa e definitiva liquidação do colonialismo e do neocolonialismo, sob tôdas as formas. Ocupam, conseqüentemente, as posições do internacionalismo proletário, manifestando solidariedade fraternal com todos os países e povos que lutam contra a opressão e a exploração. Compreendem que é seu dever internacional apoiar o nôvo, o avançado, o progressista, que nasce no mundo. Considerando que qualquer exportação da revolução é contrária ao marxismo-leninismo, os comunistas manifestam-se ao mesmo tempo, decididamente, contra qualquer exportação da contra-revolução e prestarão tôda espécie de ajuda aos povos que defendem sua liberdade e independência.

O PURS e o PCUS assinalam, com profunda satisfação e sentimento fraternal de solidariedade proletária, que o processo revolucionário mundial se desenvolve cada dia mais. A luta dos povos pelo socialismo abarca hoje em dia todos os continentes. Os partidos comunistas e operários, cuja atividade reflete os radicais interesses e aspirações das massas populares, são os porta-bandeiras dessa luta. Elaborando sua estratégia e sua tática, cada partido comunista leva em conta a experiência acumulada pelo movimento comunista internacional, guia-se pelos interesses e objetivos comuns desse movimento. A elaboração das formas e os métodos concretos de luta pelo socialismo em cada país é assunto interno do povo de cada país. O dever de cada partido comunista consiste em caminhar na vanguarda do povo, que luta contra o imperialismo, pelo socialismo.

O PURS e o PCUS estão unidos na aspiração comum de



empregar tôdas as suas forças, conhecimentos, experiência e energia revolucionária na causa da libertação definitiva da humanidade, de tôdas as formas de opressão e exploração, na causa do triunfo do socialismo e do comunismo em escala mundial. Guiando-se pela doutrina imortal de Marx e Lênin, conduzem os povos de seus países para novos triunfos históricos e encaram, com segurança, o futuro, que pertence ao comunismo.

Durante sua estada na União Soviética, o primeiro-secretário da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, camarada Fidel Castro, convidou o primeiro-secretário do CC do PCUS e presidente do Conselho de Ministros da URSS, camarada N. S. Kruschiov, a fazer uma visita de amizade à República de Cuba. O camarada N. S. Kruschiov aceitou prazerosamente o convite.

A visita à União Soviética, cheia de êxitos, do primeiro-secretário da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, camarada Fidel Castro, representa uma importante contribuição para o fortalecimento, a cada dia, das relações de amizade fraternal e de ampla colaboração dos povos da República de Cuba e da União Soviética. A visita do camarada Fidel Castro serve aos interesses da incessante consolidação da unidade e da coesão monolíticas da grande comunidade socialista, que leva a cabo a luta pela paz, a felicidade e o progresso dos povos.

Ambas as partes expressam sua firme convicção de que a amistosa visita do camarada Fidel Castro desempenhará importante papel na luta da comunidade socialista e de todos os países amantes da paz, para a realização dos elevados e nobres objetivos do estabelecimento de uma paz sólida na Terra, da consolidação da segurança mundial, bem como o desenvolvimento da colaboração entre todos os países e povos.

FIDEL CASTRO RUZ, primeiro-secretário da direção nacional do Partido Unificado da Revolução Socialista e primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba.

N. S. KRUSCHIOV, primeiro-secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e presidente do Conselho de Ministros da URSS.

Moscú, 23 de maio de 1963.



FIDEL RESSALTA A SOLIDARIEDADE DA URSS A CUBA

Querido camarada Nikita Kruschiov, primeiro-secretário do Partido Comunista da URSS e presidente do Conselho de Ministros da URSS, camaradas do Comitê Central, soviéticos:

Embora permaneçamos ainda alguns dias mais na União Soviética, termina hoje a nossa visita oficial a este grande país. Isto é: despedimo-nos hoje dos moscovitas e de todo o povo soviético. Quis escrever estas palavras, pois me pareceu mais fácil para vós, para o tradutor e para mim, que não posso me expressar no vosso próprio idioma. Devo hoje agradecer-vos, e é compreensível que não seja fácil para quem, como nós, temos recebido tão calorosas provas de carinho. Esta visita à União Soviética foi extraordinariamente instrutiva para a nossa delegação. Claro, chegamos aqui cheios de agradecimentos e admiração pelo país amigo que, distante milhares e milhares de milhas, prestou à nossa revolução uma ajuda decisiva e incalculável; porém era nosso primeiro encontro com a realidade soviética, com os nossos irmãos da URSS.

O que é este país, o que seu povo realizou, suas façanhas, seu heroísmo, sua história, não podem ser totalmente conhecidos através de livros, documentos, filmes, fotografias, narrações, informes. É necessário vê-lo e senti-lo de perto.

Há no mundo, além disso, duas URSS. A verdadeira, a heróica, a que foi construída com o sangue, o suor e o sacrifício de seus operários e camponeses, a que abriu uma era nova para a humanidade, a que deu vida, na prática e na realidade, à concepção da história, às idéias revolucionárias de Marx, Engels e Lênin, o primeiro país socialista, a primeira pátria dos trabalhadores libertados, a que impulsionou o desenvolvimento da economia, da cultura e da ciência, em ritmos nunca vistos pela humanidade. E a outra URSS, a que seus inimigos reacionários pintam com os piores tons de infâmia, a que é descrita com a tinta dos jornais do capital monopolista, com a palavra dos cor-



ruptos políticos das classes exploradoras e seus ideólogos, com a pena dos escritores mercenários. Nós nascemos num país governado pelos monopólios ianques, pelos latifundiários e burgueses, a cujo serviço estavam os órgãos do governo, o aparelho militar e tôdas as instituições do Estado; na imprensa, no rádio, no cinema, nos livros, nas escolas, caluniava-se a URSS por todos os meios. Os inimigos da classe operária, não somente se valem da repressão, como também das armas ideológicas e de sua arma principal, a mentira, para submeter as massas e embotar-lhes os sentimentos revolucionários. O fantasma do comunismo, de que falava Karl Marx, percorria também a América Latina, mas os exploradores, por sua vez, arvoravam-no diante dos explorados. Caluniavam o marxismo-leninismo, apresentando-o como doutrina desnacionalizante, inimiga da pátria, da sociedade, da liberdade, da família, do homem. Para os burgueses, pátria, sociedade, liberdade, família, homem, resumiram-se sempre num só conceito: propriedade privada. Em nome da propriedade privada sobre os meios de produção entregam a pátria ao domínio imperialista, proíbem a família, suprimem as liberdades, impõem uma sociedade cruel dividida entre exploradores e explorados e escravizam o indivíduo. Mendigos, prostitutas, desempregados, crianças sem escolas, famílias sem lar, analfabetos, são categorias abundantes, mesmo nas sociedades capitalistas mais desenvolvidas onde as liberdades, a moral, a cultura, a família, o ser humano, são brutalmente subordinados ao conceito egoísta e aos interesses da propriedade privada sobre os meios de produção. Como, cercado por essas circunstâncias, e encontrando-se situado a apenas 90 milhas do mais poderoso país imperialista, cuja influência, cuja propaganda, cuja ideologia caíam que nem chuva sobre ele incessantemente, pôde o nosso povo libertar-se, romper as cadeias, destruir os preconceitos, abraçar a causa do comunismo e instalar o primeiro país socialista no continente americano? De saída, nem aos próprios imperialistas ocorreu dizer que a URSS exportara a revolução para Cuba. Isso prova o princípio marxista-leninista de que o capitalismo e o imperialismo cavam irremediavelmente a própria sepultura e engendram, nas massas de operários e camponeses explorados, os seus covéis.

Por cima das mentiras e das calúnias, por cima da repressão e da força, da propaganda e dos crimes imperialistas, os operários e camponeses cubanos enterraram,



para sempre, como verdadeiro cadáver que não poderá mais ressuscitar, a sociedade capitalista. Claro, as revoluções não se realizam em laboratório, são obra das massas na realidade viva da história, em condições difíceis e de encarniçada luta de classes. Nosso apóstolo da independência, José Martí, homem extraordinário e universal, disse que, nas revoluções, nem tudo cheira a cravina. Os que têm concepção idealista da história tendem a imaginar que as revoluções devem transcorrer como uma sinfonia perfeita, sem tropeços, dificuldades ou erros. Nenhuma revolução está isenta de erros, inclusive de grandes erros, erros que os homens possam cometer. É preciso dizer que os inimigos aproveitam os erros e divulgam-nos em todos os tons. Porém, as revoluções, como fatos históricos em si, como formas novas da sociedade humana que com elas surgem, como obras das massas, são realidades que com sua grandeza, obscurecem os erros dos homens. Cada êrrô superado fortalece a revolução, despoja de armas ideológicas os inimigos de classe, tornando o comunismo mais atraente aos olhos da humanidade. Tudo na revolução é experiência útil, tudo é ensinamento. Por isso o movimento comunista torna-se cada vez mais forte moralmente, o prestígio das idéias marxista-leninistas se consolida cada vez mais no mundo todo, a despeito da implacável campanha dos inimigos dos trabalhadores.

Como pôde a nossa revolução, tão afastada geograficamente do campo socialista, nas proximidades do mais poderoso país imperialista, manter-se e resistir? Não teria sido bastante o heroísmo de nosso povo, seu extraordinário espírito patriótico, sua disposição de defender a revolução a qualquer preço, se, ao surgir a Revolução Cubana na América Latina, não existissem condições objetivas inteiramente novas na correlação de forças que favorecem as lutas dos povos pela sua libertação. A Revolução Cubana demonstra, de forma definitiva, o princípio marxista-leninista de que, nas condições atuais do mundo, a correlação de forças já não favorece ao campo imperialista. Na história das relações internacionais regidas pela moral e pelas concepções da sociedade de classes, imperou desde os tempos antigos até épocas bem recentes o princípio brutal da força. Com o surgimento e o desenvolvimento do campo socialista, a situação mudou por completo. Sem a nova correlação de forças existente atualmente no mundo, o imperialismo ianque não vacilaria em afogar a Revolução Cubana, e não estaríamos agora cons-



truindo o socialismo em nosso país, e sim combatendo nas montanhas, nos campos e na clandestinidade, contra a ocupação estrangeira. Os imperialistas, porém, não aceitaram facilmente essa realidade, e só abandonaram os planos de invasão ao nosso país após a crise de outubro. Quando, em meados do ano passado, os governos de Cuba e da URSS decidiram adotar as medidas pertinentes tendo em vista frear o ataque que se estava forjando contra o nosso país, a nossa conduta se ajustava inteiramente às normas do direito internacional e à Carta das Nações Unidas. Cuba viu perigar a sua segurança e tinha absoluto direito, dentro de suas faculdades soberanas, de adotar as medidas que lhe fortalecessem a defesa. Sem nenhuma base legal, os imperialistas implantaram o bloqueio naval, que conduziu o mundo às bordas da guerra. A crise era a consequência da política agressiva dos EUA, cujo capítulo final seria a invasão armada. O governo dos Estados Unidos, entretanto, negando seus planos agressivos de invasão do nosso país, tratava de fazer recair sobre Cuba e a URSS a responsabilidade da tensão criada. Hoje em dia, todo o mundo conhece quais os verdadeiros culpados. Graças às contradições surgidas entre o governo norte-americano e os contra-revolucionárias cubanos, pôde-se descobrir seus segredos. O principal cabeça da contra-revolução, que fôra nomeado pelo próprio governo norte-americano, declarou, recentemente, em carta amplamente divulgada em todo o mundo, que os Estados Unidos projetaram com efeito a invasão militar de Cuba. A solução da crise de outubro, que continha o compromisso, por parte dos EUA, de abandonar seus planos de invasão, trouxe à tona as desavenças entre os inimigos de nosso país, pondo a nu toda a verdade. O tempo passou, e com o tempo fêz-se luz sobre os acontecimentos, fracassaram os planos imperialistas de invasão de Cuba, e a guerra foi evitada. Restava o perigo de que os imperialistas interpretassem erroneamente os acontecimentos; porém, a advertência oportuna e enérgica da União Soviética, no mês de março último, teve a virtude de tranquilizar os mais exaltados belicistas.

Por ocasião da visita da nossa delegação à URSS, os imperialistas terão tido oportunidade de ver até onde chega a solidariedade do Partido Comunista da URSS, do governo e do povo soviético para com a Revolução Cubana. Compreende-se, em toda a sua grandeza, o gesto de um país que, em defesa de uma nação pequena, distante milhares



e milhares de milhas, pôs na balança dos riscos de uma guerra termonuclear o bem-estar alcançado em 45 anos de trabalho criador e de imenso sacrifício. O país soviético que, na Grande Guerra Patriótica contra o fascismo, perdeu muito maior número de vidas que o total da população de Cuba, na defesa de seu direito de existir e criar as enormes riquezas com que conta hoje, não vacilou em arriscar-se à guerra em defesa do nosso pequeno país. A história não conhece igual exemplo de solidariedade. Isso é o internacinalismo! Isso é o comunismo! Além do mais, isso demonstra, de maneira inconfundível, o princípio de que, sob as normas do marxismo-leninismo, se estabelecem relações inteiramente novas, entre os grandes e os pequenos povos. O tratamento, as deferências, as honras que a representação do nosso país recebeu na imensa União Soviética, elevam ao mais alto grau o conceito de soberania e de igualdade entre os povos. A amizade entre a URSS e Cuba é verdadeiramente exemplar. Antes de recorrer às agressões armadas, o govêrno dos EUA tentou estrangular pela fome a Revolução Cubana. As relações econômicas com a União Soviética e o campo socialista, bem como a ajuda econômica que o nosso povo recebeu oportunamente, fizeram fracassar o cerco de fome imperialista. Isso demonstra o princípio de que, sob o marxismo-leninismo, a exploração econômica de umas nações por outras, característica da época colonialista, capitalista e imperialista, desaparece por completo sob o socialismo, dando lugar à colaboração em benefício dos interesses mútuos e à ajuda dos países industrializados aos de economia subdesenvolvida. Antes de planejar a agressão armada direta, que ocasionaram as medidas preventivas de Cuba e da URSS, os imperialistas recrutaram, organizaram e treinaram forças mercenárias para atacar nosso país: As armas recebidas da União Soviética e de outros países do campo socialista permitiram-nos derrotar os agressores. Os imperialistas provocaram tôdas as formas imagináveis de agressão e fracassaram.

A ajuda soviética esteve presente em cada caso. Isso não significa que se conformassem em deixar o nosso país em paz. Subsiste ainda uma série de circunstâncias que devem ser superadas, a fim de que os riscos de um conflito não surjam novamente. Os EUA mantêm rígido bloqueio econômico contra o nosso país e pressionam todos os países sob a sua influência, a fim de impedir o comércio com Cuba. Os imperialistas estão treinando, em



território norte-americano, milhares de elementos contra-revolucionários, os quais recebem instrução militar e técnica de sabotagem. Agentes contra-revolucionários e armas são introduzidos clandestinamente no território cubano. Navios de guerra e aviões lanques violam sistematicamente o nosso espaço marítimo e aéreo. As incursões de seus aviões de espionagem servem para fins de sabotagem. Ainda há pouco, um avião pirata procedente dos Estados Unidos lançou bombas sobre as nossas refinarias de petróleo. Finalmente, os EUA mantêm ocupado um pedaço do nosso território, onde instalaram uma base militar, cometeram assassinatos impunes de trabalhadores cubanos e por onde infiltram sabotadores no país e realizam toda espécie de provocações. Diante dessa política de bloqueio, isolamento e agressões, Cuba proclama seu desejo de viver em paz e de manter relações normais com todas as nações do continente, inclusive com os Estados Unidos. Exemplo de tais relações são as de Cuba com o Canadá, México, Brasil e outros países latino-americanos. O próprio povo norte-americano ficou prejudicado pelas agressões econômicas de seu governo contra Cuba, vendo-se privado de produtos, tais como o nosso tabaco, que graças à sua qualidade não pode ser adquirido em outros mercados, ou como no caso do açúcar, pelo qual os consumidores americanos terão que pagar este ano cerca de mil milhões de dólares a mais, em consequência dos elevadíssimos preços que as maquinações do governo norte-americano contra o açúcar de Cuba ocasionaram no mercado mundial. O povo norte-americano é vítima dessa política insensata. A política dos Estados Unidos contra a Revolução Cubana proporcionou e ocasionou ao governo norte-americano seus maiores reveses políticos. Políticos sem escrúpulos e que fazem chantagem com a atual administração, agitam o ódio à Revolução Cubana, empurrando-a para o abismo da guerra. O nosso povo, do mesmo modo que todos os povos do campo socialista, deseja a paz para levar avante a construção de uma vida melhor. Mas a luta pela paz, como ouvi o companheiro Kruschiov dizer reiteradas vezes, exige grandes sacrifícios de nossos povos, que são obrigados a manter as forças armadas equipadas com as mais modernas armas e em regime de máxima capacidade combativa. O poderio do campo socialista freia as aventuras belicistas, garante a paz e cria as mais propícias condições para a luta dos povos contra o jugo colonial e o imperialismo. O movimento comunista será tanto mais forte



quanto mais unido. Isso é tão evidente que dispensa argumentação. Se a unidade de tôdas as forças progressistas e revolucionárias é a palavra de ordem dada por Marx aos comunistas dentro de cada país, a unidade do movimento comunista internacional é a palavra de ordem de todos os marxistas-leninistas. "Proletários de todos os países, uni-vos!" foi a ordem de Marx e Engels.

Queridos amigos soviéticos! A nossa visita à URSS significou o grande privilégio de poder apreciar de perto a gigantesca obra que seu povo realizou. Sabemos quanta tensão e quanto sacrifício foram necessários. A URSS oferece a quem a visita, a impressão de inexpugnável fortaleza. A unidade do povo soviético, a perfeita organização de vosso Estado e de vossa economia enchem-nos de admiração. O que, em nossa opinião, torna a sociedade soviética mais forte, situando-a em condições de enfrentar as imensas tarefas e difíceis responsabilidades que têm pela frente, é o espírito de austeridade que se observa em cada homem e cada mulher soviéticos. Lênin se sentiria orgulhoso do que realizou o Partido Comunista da URSS. Podemos apreciar, em tôda sua extensão, o princípio leninista do papel do Partido como organizador e dirigente do povo; pudemos sentir a estreita ligação do Partido com as massas, sua infatigável atividade em tôdas as frentes; observamos a simplicidade e a modéstia de seus dirigentes, sua dedicação total e abnegada às tarefas da construção do comunismo. Depois de percorrer amplamente o país e de ter convivido com o povo soviético durante quase um mês, nós estamos absolutamente certos de que, dentro de curto prazo, a economia da URSS ultrapassará irreversivelmente a dos Estados Unidos. O que isso significa na correlação de forças diante do campo imperialista será definitivo. A muralha de mentiras e calúnias que a reação internacional erigiu contra a URSS, chega ao fim. Resta já pouco aos seus detratores, com que enganar os incautos que ainda existem no mundo. O fantasma do comunismo, que um dia percorreu a Europa, percorre todos os recantos da Terra, e não está longe o dia em que desaparecerá para sempre aquêles aos quais infunde medo de verdade — os exploradores do homem. Estamos certos de que este nosso encontro com o povo soviético fortalecerá extraordinariamente a nossa amizade. Levaremos conosco, para sempre, a lembrança de milhões de braços que se ergueram para saudar a delegação cubana, os alegres sorrisos e os vivas a nossa Pátria, com que fomos recebidos



em toda parte. Não devo concluir estas palavras sem expressar nossa mais profunda gratidão ao forjador incansável da amizade entre nossos dois povos, o camarada Nikita Sergueievitch Kruschiov.

Graças à sua iniciativa, devemos os cubanos gestos incontáveis de solidariedade e amizade. Felicitamo-lo de todo coração e, por intermédio dele, ao Comitê Central do Partido Comunista da URSS, pelos êxitos que, sob sua direção, a União Soviética alcançou, nos caminhos do comunismo. *Bolshoe spasibo, sovietskie bratia!* Muito obrigado, irmãos soviéticos!

Viva o comunismo! Pátria ou morte! Venceremos!



DISCURSO DE KRUSCHIOV

Querido companheiro e amigo nosso, Fidel Castro Ruz.
Queridos companheiros cubanos.
Queridos companheiros moscovitas.

É motivo de satisfação para nós que os nossos amigos cubanos: o companheiro Fidel Castro, o companheiro Aragonés e outros membros da delegação, tivessem podido visitar muitos lugares da nossa grande Pátria. Puderam ver e perceber muitas coisas.

A viagem foi intensa e farta e, talvez, um pouco cansativa. Eu, porém, penso que, se existe efetivamente cansaço, é um bom cansaço provindo, como se costuma dizer, da abundância de impressões: viram que imensa envergadura a edificação comunista adquiriu em nosso país. Viram, no entanto, apenas uma parte da União Soviética. Por isso, dizemos-lhes de todo coração: visitem-nos muitas, muitas vezes mais, e verão ainda muitas coisas novas e interessantes.

Há um provérbio que diz: Para bem compreender, é preciso ver. Vocês viram nossas cidades, fábricas, sovcoses, colcoses e centros culturais e, — e o que é mais importante, — viram os soviéticos, trabalhadores e lutadores, gente cordial e hospitaleira, educada nas grandes idéias leninistas da solidariedade internacional fraterna com os trabalhadores do mundo inteiro.

Penso que vocês, companheiro Fidel Castro e os demais companheiros cubanos, sentiram a sinceridade e a amizade para com vocês, para com o heróico povo de Cuba, a fraternal batida do coração do povo soviético, seu profundo respeito pela obra revolucionária que vocês estão realizando na Ilha da Liberdade.

Durante a viagem do companheiro Fidel Castro pela União Soviética, o nosso povo conheceu melhor ainda os



pensamentos e as aspirações do povo de Cuba, compreendeu melhor ainda as tarefas que a República de Cuba enfrenta na edificação do socialismo.

Pode-se dizer: nossos povos estão ainda mais próximos. agruparam-se ainda mais estreitamente. Permitam-me, neste solene comício, assegurar-lhes, uma vez mais, queridos amigos cubanos: Os povos da União Soviética estiveram, estão e sempre estarão ao lado do povo de Cuba!

Você, companheiro Fidel Castro, percebeu a atitude cordial dos soviéticos para com você pessoalmente, como chefe da Revolução Cubana. Você compreende, naturalmente, que essa atitude não pode ser suscitada por nenhum meio, à exceção de um: o sincero amor e respeito dos soviéticos pela obra revolucionária a que você serve com tamanha sinceridade e com tamanha coragem heróica.

A Revolução Cubana assinala a aurora da nova vida no continente americano. Os olhares de milhões de pessoas dos países da América Latina estão voltados, hoje em dia, para a heróica Cuba, porque, exatamente, está sendo traçada nessa ilha o caminho para uma vida melhor e feliz: o caminho do socialismo, que todos os povos da América Latina seguirão.

A causa por que lutam os revolucionários cubanos é íntima e infinitamente cara para os soviéticos. Prometeu trouxe à humanidade o fogo eterno. Vocês, valentes lutadores pela liberdade de Cuba, acenderam, no hemisfério ocidental, o fogo sagrado da Grande Revolução de Outubro, a fim de que a vida do povo trabalhador seja livre, melhor e mais luminosa.

Os soviéticos vêem com que coragem e ímpeto revolucionário os cubanos lutam por uma vida nova, como vencem as dificuldades em seu caminho. Cuba representa para nós o canto combativo da juventude do nosso país soviético, o canto de suas primeiras vitórias! Instintivamente, à nossa mente acodem as magníficas palavras de Lênin: "A revolução é a festa dos oprimidos e explorados". Estamos convictos de que tal festa chegará para todos os povos do mundo.

A grande missão histórica do socialismo consiste, antes de mais nada, não apenas em destruir o velho mundo e em sacudir as suas cinzas de nossos pés. Consiste também em afirmar o mundo nôvo e as novas relações humanas.

A experiência histórica demonstrou toda a verdade das palavras de Vladimir Ilitch Lênin a respeito de que a derubada dos capitalistas e latifundiários, bem como a tomada



do poder, não é apenas a primeira nem a mais difícil tarefa das massas trabalhadoras e de seu partido revolucionário. Muito mais difícil é consolidar o novo regime, organizar sua defesa segura, superar o espírito pequeno-burguês e a força conservadora do hábito e, principalmente, desenvolver em grande escala ampla construção econômica e fomentar a cultura. O socialismo é o trabalho livre dos homens livres. É a criação em benefício da autêntica felicidade humana.

Claro, o caminho dos construtores do novo mundo e, sobretudo, dos que marcham na primeira fila não está coberto de rosas. É duro e espinhoso, porque todas as forças da reação tentam impedir a construção da nova sociedade, tentam colocar novamente o povo sob o jugo da exploração e da opressão. Subentende-se que os povos, que empreenderam o caminho do socialismo, se vejam obrigados a vencer não poucas e inevitáveis dificuldades em tão grande causa, como é a transformação revolucionária de toda a sociedade.

Mas essas já são as dificuldades do desenvolvimento, dificuldades provenientes do avanço em direção à meta assinalada. Tais dificuldades não nos assustam; temos que superá-las, tomá-las a peito decididamente.

Os ideólogos do imperialismo gritam muito a respeito das dificuldades por que atravessa Cuba, dizendo que a vida lá era antes mais rica do que agora. Porém quem é que vivia antes uma vida mais rica em Cuba? Os exploradores, os sequazes dos monopólios estrangeiros e seus lacaios. Não é por acaso que, com desprezo, chamam de vermes a essa gentilha.

O que foi que Cuba herdou do capitalismo? Herdou a economia unilateral do monocultivo. Produzia quase exclusivamente açúcar. Os monopólios norte-americanos freavam artificialmente o desenvolvimento da economia de Cuba, que estava jungida, como que acorrentada, ao mercado norte-americano, vendo-se obrigada, apesar de suas riquezas naturais, a importar literalmente tudo: desde artigos grandes até os pequenos, desde automóveis e máquinas-ferramentas, até fósforos e agulhas. Os monopólios estrangeiros tiravam de Cuba altos benefícios.

O operário e o camponês em Cuba dobravam as costas para os capitalistas e os latifundiários, para toda uma malta de parasitas. De sol a sol, sob seus raios ardentes, o cubano cortava cana com sua faca de mato. Porém os frutos desse



trabalho eram para os ricos. O açúcar extraído de tal cana era pago pelo camponês com suor amargo e salgado. Entretanto, tal trabalho extenuante não chegava para todos. Havia no país, constantemente, um exército de desocupados, do que se aproveitavam os donos das centrais e os latifundiários para a mão-de-obra barata.

Assim era o paraíso capitalista em Cuba, cuja perda choram os escritores burgueses de meia tijela! Eis aí, falando apropriadamente, o inferno em que os exploradores desapiados tinham convertido essa ilha!

Os cubanos, é claro, vêem-se obrigados a vencer muitas dificuldades na edificação da nova vida. Entretanto, os cubanos são agora os donos onipotentes de seu país. Trabalham para si, para o bem da pátria e do povo. Sob a direção do Partido Unificado da Revolução Socialista, realizam-se no país enormes mudanças revolucionárias. Suprimiu-se para sempre o domínio dos latifundiários e dos monopólios estrangeiros. Os camponeses receberam a terra. Passaram para mãos do povo os bancos, os transportes, as empresas industriais e os canais. Leva-se a cabo, em grande escala, a construção de vivendas e hospitais, de escolas e outros centros culturais. O analfabetismo foi liquidado. As portas dos centros docentes estão abertas para os filhos dos operários e camponeses. Está-se realizando um grande trabalho em todos os ramos da economia nacional.

Que outro país da América Latina pode falar de tais transformações revolucionárias, levadas a cabo em tão pouco tempo? E sabemos que isso é apenas o começo, são os primeiros frutos do socialismo. Abrem-se, diante do povo cubano, os mais amplos horizontes para o progresso e o apogeu nacional!

Companheiros: A União Soviética e Cuba estão separadas por muitos milhares de quilômetros. Mas, apesar disso, os povos de nossos países estão juntos na grande luta pelo futuro radiante da humanidade. O socialismo e o comunismo são nossos ideais comuns. Também o nosso ódio à opressão e à desigualdade social são comuns, bem como os objetivos e as tarefas na edificação da nova vida.

Os políticos e ideólogos do imperialismo se inquietam porque Cuba, situada no hemisfério ocidental, está mais próxima dos países socialistas do que as diversas agrupações de Estados latino-americanos, que se estão formando sob a égide dos EUA. Afirmam que o movimento revolucionário na América Latina é orientado não se sabe por que mito-



lógica "mão de Moscou". Não, senhores, não se trata da "mão de Moscou", nem tampouco das "intrigas do Krêmlim".

Não revelarei nenhum segredo ao dizer que os principais semeadores da propaganda revolucionária na América Latina são, por mais paradoxal que pareça, os monopólios dos Estados Unidos da América, que saqueiam as riquezas desses países, condenando-os ao atraso e à miséria. São exatamente os monopólios norte-americanos que, juntamente com os capitães de indústria da grande burguesia local e os latifundiários, provocam a cólera do povo, criando tais condições que a única saída para os trabalhadores é a revolução. De maneira que, já que falamos das causas que aguçam as contradições entre o trabalho e o capital, temos que dizer que a política espoliadora dos monopólios norte-americanos, a política de Wall Street, é que as reforça.

A experiência de Cuba prova que a revolução não se traz de fora com as baionetas, não se leva do estrangeiro na liteira em que os Bourbons andavam há tempos atrás, tanto mais que através do oceano não se viaja de liteira.

A revolução é realizada pelas massas populares quando, para tanto, amadurecem as condições necessárias. Nem os mais rematados inimigos da Revolução Cubana podem negar que o regime do ditador Batista apodreceu até à medula e que a revolução batia à porta de Cuba. A Revolução Cubana amadureceu nas massas populares, convertendo-se na causa do próprio povo, no seu coletivo criador, em sua esperança, em sua felicidade. A Revolução Cubana encontrou, e continua encontrando, o amplo apoio dos povos, não apenas na América Latina, e sim no mundo todo.

A revolução contra a tirania, os exploradores e o jugo estrangeiro é direito sagrado de cada povo, é seu assunto interno. O povo dos Estados Unidos da América, em certa ocasião, realizou corajosamente a revolução, derrubou o jugo dos colonizadores ingleses, expulsou os governadores do rei inglês, instaurando a forma republicana de Estado. Todos os homens progressistas daquele tempo estavam do lado do povo norte-americano. Os pais da democracia norte-americana escreviam naquele tempo, na Declaração da Independência: "Se qualquer forma de governo se tornar impresentável..., o povo tem direito de mudá-lo ou liquidá-lo e constituir novo regime, assentando-o nos princípios e organizando seu poder da maneira mais conveniente para seu bem-estar e sua felicidade".

Não são más tais palavras! Duzentos anos depois soam como atuais. Porém, porque os círculos governantes dos EUA



não reconhecem o mesmo direito a outros povos, direito esse considerado pelos fundadores dos EUA como justo e natural para o povo norte-americano?

Com que direito os imperialistas dos Estados Unidos da América do Norte se reservam o direito de não reconhecer que outros povos tenham o regime por eles escolhidos. Essa é a confirmação demonstrativa de que os monopolistas dos Estados Unidos da América se arrogaram virtualmente as funções de *gendarme* internacional.

Contudo, senhores *gendarmes* internacionais, embora os senhores se adjudicassem tais funções e não queiram abandoná-las, os tempos mudaram, e não a favor dos senhores. Agora, o imperialismo não é todo-poderoso. O desejo e o apetite do imperialismo continuam os mesmos de antes; mas cumprir as funções de *gendarme* internacional. Inclusive para um país imperialista tão forte quanto os Estados Unidos da América, já não é o mesmo que nos tempos passados.

Existem no mundo forças provenientes da Grande Revolução de Outubro, principalmente a União Soviética, a poderosa comunidade socialista, capazes de manietar os agressores imperialistas, de conter o *gendarme* internacional.

O regime burguês, como o seu antecessor o regime feudal, também não é eterno. Chegará o momento em que todos os povos porão fim, para sempre, ao capitalismo.

E por mais que se esforce a reação imperialista, encabeçada pelos EUA, em parar ou deter o grande processo revolucionário da libertação da humanidade, ela é impotente para fazê-lo. Os povos, que se levantam na luta por sua liberdade e independência, são capazes, apoiados por todas as forças da paz e do socialismo, de salvaguardar as suas conquistas. Os acontecimentos do Caribe, em fins do ano passado, bem e claramente o demonstram.

Agora, seis meses depois daqueles acontecimentos, torna-se ainda mais clara toda a gravidade do perigo que o mundo correu, como resultado dos pérfidos procedimentos das forças agressivas do imperialismo norte-americano. Os círculos belicistas dos EUA tinham adotado naquela ocasião medidas que puseram a humanidade à borda da guerra termonuclear mundial.

A crise do Caribe foi um dos mais violentos choques entre as forças do socialismo e as do imperialismo, das forças da paz e das forças da guerra, em todo o período do pós-guerra. Ao preparar a invasão armada de Cuba, os círculos



agressivos norte-americanos calculavam que a União Soviética e os demais países socialistas não iam poder dar ajuda eficaz à República Cubana.

Os imperialistas achavam que a distância territorial entre Cuba e os países socialistas lhes permitiria, aproveitando sua esmagadora supremacia militar nessa zona, atacar o povo cubano e pôr fim às suas conquistas revolucionárias. Os imperialistas norte-americanos têm, como sabemos, bastante experiência no esmagamento da luta libertadora na América Latina e noutras partes do mundo.

Os cálculos dos imperialistas, de estrangular a Revolução Cubana, foram frustrados, graças à firme posição do Governo da República de Cuba, liderado pelo companheiro Fidel Castro, à combativa unidade do povo cubano, à ajuda militar da União Soviética, bem como ao poderoso apoio político e moral dos países socialistas e de todos os povos amantes da paz, que formaram uma frente única em defesa da heróica Ilha da Liberdade. Quando surgiu o perigo real de um conflito bélico entre duas potências nucleares, — a União Soviética e os EUA, — a crise em torno de Cuba se transformou, de crise local, em crise mundial. Nessas condições, era necessário buscar-se saída para a situação criada, à base de um compromisso razoável.

Semelhante solução da crise do Caribe significou frustrarem-se os planos da camarilha militar norte-americana. A unidade e a coesão dos povos unidos na réplica aos círculos aventureiros mais agressivos do imperialismo, manietaram aos que, para atingir seus fins egoístas, estavam dispostos a condenar à morte e ao extermínio a milhões de seres humanos. Era a vitória da política de paz e de coexistência pacífica, graças à qual se conseguiu salvaguardar as conquistas revolucionárias do povo cubano, elevar mais alto ainda o prestígio dos países socialistas, desviando a ameaça da guerra termonuclear mundial, guerra que acarretaria a todos os povos calamidades, vítimas e destruições incalculáveis.

Nos Estados Unidos, fazem-se ouvir de novo as vozes dos "raivosos", exortando ao bloqueio e inclusive à agressão militar à Cuba. Alguns senadores e dirigentes do Pentágono falam da necessidade de aplicar-se uma política mais rígida para com Cuba. Tudo isso não pode deixar de nos pôr em guarda. Não pensarão tais dirigentes em criar outra vez uma crise como a que teve lugar no Caribe em outubro do ano passado?



Devo declarar, com toda sinceridade, que se o governo dos EUA não dá demonstrações de bom-senso e de compreensão, indispensáveis nessa situação, e se deixa arrastar por caminho perigoso, pode surgir no mundo uma situação ainda mais ameaçadora do que em outubro do ano passado. Se as forças agressivas do imperialismo criam tal situação, será pelo visto muito mais difícil sair da crise do que em 1962.

Nesse caso, teremos que cumprir nosso dever internacionalista e nossas obrigações para com o povo irmão de Cuba, acudindo em sua ajuda. Devemos dizer, com toda sinceridade: Não brinquem com fogo, senhores, não brinquem com os destinos dos povos!

Consideramos que se poderia normalizar a situação na zona do Caribe na base do cumprimento dos conhecidos Cinco Pontos, propostos pelo primeiro-ministro do Governo Revolucionário da República de Cuba, Fidel Castro. A União Soviética apóia as justas reivindicações do povo cubano; apóiam-nas todos os países socialistas, toda a humanidade progressista.

Companheiros: Os acontecimentos mais importantes na arena internacional, durante o período do após-guerra, provam que a humanidade marcha incessantemente pelo caminho da vitória do comunismo em todo o mundo.

Diante de nossos olhos crescem e se fortalecem as grandes forças do nosso tempo: cresce o poderio do sistema socialista mundial, o movimento de libertação nacional consegue cada dia que passa novos êxitos, a luta revolucionária da classe operária dos países capitalistas adquire maior amplitude. Incrementa-se o movimento de todas as forças progressistas pela paz e a democracia, pelos direitos vitais dos povos.

O nosso país soviético, pátria de Lênin, pátria do Grande Outubro, torna-se cada vez mais poderoso e auxilia a causa internacional dos trabalhadores de todos os países.

Nós, comunistas, nos alegamos com o crescimento de todos os movimentos progressistas e libertadores em nosso tempo. Saudamos de todo coração, tanto a admirável vitória do povo argelino contra o imperialismo francês, quanto a vitória dos mineiros franceses, em luta por melhores condições de vida. Alegramo-nos com a vitória dos comunistas italianos nas eleições parlamentares, alcançada em renhida luta contra as forças da reação. Alegramo-nos com os progressos dos trabalhadores da República Árabe Unida, na construção da represa de Assuã. Saudamos a luta do povo



de Angola contra os colonizadores portugueses, bem como o heroísmo dos revolucionários portugueses e espanhóis que sacrificam a vida na luta contra o fascismo e o domínio dos monopólios. Em qualquer lugar onde obtenham êxito os lutadores da revolução, — na Europa ou na África, na Ásia ou na América Latina, — tudo, no final das contas, serve à grande causa da libertação de toda a humanidade.

Os marxistas-leninistas não ocultam a ninguém que aspiram a atrair a todos os homens da Terra para o lado do socialismo. Vemos nisso a nossa mais importante tarefa na arena mundial. Porém, qual o caminho que tomamos para esse objetivo? Não marchamos para ele pelo caminho do desencadeamento da guerra, impondo nosso regime a outros povos. Com o trabalho criador, com a grande força construtiva dos povos libertados, com a energia revolucionária dos trabalhadores, elevamos o prestígio do socialismo, mudamos constantemente a correlação de forças no mundo.

Baseamo-nos na indicação de V.I. Lênin, de que após a conquista do poder, as questões da edificação econômica passam para o primeiro plano perante o Partido Comunista, perante o povo; de que, com nossos êxitos econômicos na edificação do socialismo, exercemos decisiva influência na marcha do desenvolvimento mundial. Quanto mais rapidamente se desenvolvem as forças produtivas nos países socialistas, quanto mais cresça o seu potencial econômico, tanto mais firme e vitoriosamente se desenvolverá a luta dos trabalhadores contra a opressão do capital.

Os marxistas-leninistas consideram que a questão da vitória da nova ordem social se resolve na luta de classes pelo proletariado, pelas massas trabalhadoras, pelo povo de cada país.

Isso, porém, não quer dizer que os países socialistas se mantenham à margem da luta de classes dos trabalhadores dos países capitalistas pelo estabelecimento da nova ordem. Não, os povos dos países socialistas exercem influência cada vez maior no desenvolvimento de todo o movimento de libertação. Com as vitórias na competição econômica, demonstra o sistema socialista, aos olhos do mundo inteiro, as grandes vantagens do novo regime. Nos próprios acontecimentos diários da vida, novas centenas de milhões de pessoas se convencem das grandes possibilidades criadoras do comunismo, colocando-se decisivamente a seu lado.

Na coexistência pacífica e na competição econômica com o capitalismo, no período do após-guerra, teve lugar radical mudança na correlação das forças de classe no diálogo mun-



dial. Hoje em dia, não é o imperialismo, e sim o socialismo, as forças revolucionárias da atualidade, todos os povos que lutam por sua libertação social e nacional, os que determinam a direção principal do desenvolvimento mundial.

A nova correlação de forças na arena mundial permitiu, pela primeira vez na história, apresentar como tarefa inteiramente viável a conjuração da guerra termonuclear mundial. É uma felicidade para todos os homens que trabalham, para toda a humanidade, que, num período responsável da história, quando o imperialismo acumulou armas mortíferas de destruição massiva, existam forças no mundo capazes de frear os agressores e de obstruir o caminho à guerra.

Vejamos, como exemplo, a história dos últimos anos.

Após a criação das armas termonucleares, os imperialistas atentaram mais de uma vez contra um ou outro país, que se libertara dos colonizadores, tentando impor-lhes novamente o jugo do colonialismo. No entanto, a resistência dos povos que haviam conquistado a liberdade, bem como o apoio dos países socialistas, repeliram tais forças agressivas.

As possibilidades da luta pela paz e o socialismo são grandes e crescem cada dia. Agora, inclusive muitos dirigentes do mundo ocidental reconhecem o nosso poderio, declarando que se criou no mundo certo equilíbrio de forças. Não vamos discutir tais declarações, embora para ser justo, é necessário reconhecer-se que a correlação vai mudando, invariavelmente, a favor do socialismo.

Os marxistas-leninistas se baseiam no fato de que o único princípio razoável das relações, entre os países com sistemas sociais diversos, é a coexistência pacífica. Essa política, que nos foi legada por Lênin, nós a temos considerado e continuamos a fazê-lo, como a nossa linha geral em política externa. Nós a praticamos também na época em que éramos consideravelmente mais débeis que as forças unidas do imperialismo: mantemos também a mesma política, agora que a correlação de forças muda radicalmente a nosso favor. Seguiremos firmes lutando igualmente no futuro pelo triunfo dos princípios da coexistência pacífica.

Nosso partido considerou sempre que a coexistência pacífica cria condições propícias para o desenvolvimento da luta de classes dos trabalhadores nos países capitalistas, para o desenvolvimento constante do movimento de libertação nacional. A experiência da luta revolucionária dos povos após a Segunda Guerra Mundial demonstra, à saciedade, que é exatamente com a coexistência pacífica que os países socialistas, aliados a todos os povos amantes da paz, freiam



as intenções agressivas dos imperialistas; que se desenvolve, com particular intensidade, o movimento libertador em todo o mundo. Exatamente nas condições da coexistência pacífica de Estados com sistemas sociais diferentes, é que triunfou a gloriosa Revolução Cubana, que os ardentes lutadores pela causa do povo dirigem.

Exatamente dentro da coexistência pacífica, nos países capitalistas, cresce sem cessar a luta grevista do proletariado, sua unidade e organização na luta por seus interesses vitais, contra o todo-poderoso domínio dos monopólios e o terror reacionário.

A classe operária, sob a direção dos partidos marxista-leninistas, em ampla frente, trava a ofensiva contra as forças do imperialismo, e vencerá! A influência dos comunistas aumenta no movimento operário.

Apesar das brutais perseguições de que são vítimas os comunistas nos EUA, na Alemanha ocidental, na Espanha, em Portugal, na Grécia e outros países, cresce a sua influência entre os trabalhadores dos países capitalistas, conquistam êxitos na unificação das forças dos povos contra os monopólios e a reação.

Os comunistas soviéticos, todos os soviéticos que conhecem o preço da coragem e do heroísmo na luta, admiram a firmeza revolucionária e a abnegação dos nossos irmãos de classe nos países capitalistas. Inclina-mos a cabeça diante das radiantes lembranças dos notáveis filhos da classe operária, como os camaradas Salam Adil e Julian Grimau, que ofereceram a vida em holocausto à grande causa do comunismo.

Camaradas: A burguesia mundial cometeu muitos e graves crimes contra a humanidade; porém um dos mais abomináveis é a escravização dos povos da África, Ásia e América Latina. Como bandidos, eles se arrogaram o direito de saquear continentes inteiros, de explorar cruelmente a centenas de milhões de homens. Quem pode calcular quantas desgraças e infortúnios, quanto sangue e lágrimas o destino reservou aos povos subjugados pelo imperialismo, que compeem a maioria da população do globo terreno!

Teria que ter fim essa injustiça, a maior da história. Todo o sistema de opressão colonial está agonizando. Em nossos dias, já mais de 90% do território asiático e cerca de 80% do território africano correspondem aos Estados soberanos. Em lugar das antigas colônias, surgiram mais de 50 Estados independentes. A gigantesca prisão colonial, que os



imperialistas tinham erigido na Ásia e na África, foi destruída. A terra treme sob os pés dos imperialistas na América Latina.

Tornam-se realidade as proféticas palavras do grande Lênin acerca da inevitável derrocada do sistema colonial, de que chegará o dia em que todos os povos serão donos dos destinos do mundo.

Os trabalhadores da União Soviética, quando triunfaram em Outubro, assentaram os fundamentos da vida dos povos livres de verdade. A vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, os êxitos do país soviético na edificação do socialismo enfraqueceram o sistema colonial, o domínio do capital, no mundo todo. A República Popular Chinesa e outros países socialistas da Europa e da Ásia seguiram o caminho de Outubro. Com isso, criam-se ainda melhores condições para a quebra total do sistema colonial.

Os trabalhadores da União Soviética desejam aos povos da Ásia, África e América Latina, que se libertaram da opressão colonial, que se unam posteriormente na luta por uma vida nova.

Quando ainda dominavam as colônias, os colonizadores implantavam nelas, com redobrada força, o regime capitalista. Ao afundar-se o sistema colonial, e com a expulsão dos imperialistas, êsses deixaram suas raízes, em muitas das antigas colônias. Por isso, em muitos casos, houve apenas a mudança de uma coisa, isto é, que antes os brancos eram os exploradores, e quando êles foram embora, ficaram os proprietários negros de terras e capitais. Êsses continuam explorando a seus irmãos, do mesmo modo, embora tanto os exploradores quanto os explorados sejam negros.

Na luta de classes, o que importa não é a cor da pele, e sim a posição ideológica, de classe, do homem. Nos países que se libertaram da opressão colonial, crescerá a luta, e só com a vitória do trabalho, com a liquidação da exploração do homem pelo homem, é que ficará assegurada a verdadeira prosperidade dos jovens Estados.

A conquista da independência política não significa logo a libertação definitiva dos povos dos países que eram colônias e semicolônias, do jugo dos monopólios estrangeiros. Para os países libertados, surgiu a tarefa de obter a independência econômica, de assegurar-lhe o desenvolvimento, impulsionando a economia, o progresso social, a melhoria das condições de vida dos povos. Êsses países muito têm que fazer, a fim de vencer o atraso provocado pelo domínio secular dos colonizadores e imperialistas.



Claro que, na luta pela independência econômica e pelo progresso social, os países libertados se apóiam, sobretudo, nas próprias forças. Entretanto, é muito difícil, para esses países, esgotados e arruinados pelo longo domínio do colonialismo, liquidar em curto prazo e sem ajuda externa o atraso econômico, superar a imensa distância entre os países antes coloniais e os países economicamente desenvolvidos.

A União Soviética e todos os países socialistas consideram seu dever internacionalista prestar toda espécie de apoio e de ajuda ao movimento de libertação nacional.

Que significa, na realidade, prestar ajuda ao movimento de libertação nacional? Significa, em primeiro lugar, lutar contra a intervenção do imperialismo nos assuntos internos dos povos dos países libertados, prestar apoio de todo gênero, inclusive o armado, aos povos que travam a luta justa contra o jugo estrangeiro. Em segundo lugar, significa lutar contra qualquer forma de neocolonialismo, significa ajudar aos povos dos jovens Estados a desenvolver a economia de seus países, prestando-lhes toda a necessária ajuda na arena internacional.

É precisamente por esses princípios que a União Soviética se guia nas suas relações com os povos da Ásia, África e América Latina. Os países do socialismo estendem a mão em ajuda das colônias e semicolônias de ontem. A nossa ajuda não é de conjuntura, e sim expoente dos traços radicais e dos princípios da política dos países do socialismo. Pode por acaso ser de outra maneira? Isso, porque o nosso ideal é a igualdade e a fraternidade de todos os povos, a supressão de toda a exploração, tanto a de classes como a nacional. Comprendemos perfeitamente as necessidades e preocupações de todos os trabalhadores, independentemente se vivem nas ilhas tropicais da Indonésia, nas savanas africanas, ou nas vastas extensões da América do Sul.

Os povos da União Soviética manifestam solidariedade à luta do povo vietnamita pela reunificação de sua pátria, pela libertação do Vietnã Meridional da opressão do imperialismo norte-americano e da camarilha mercenária de Diem. Os povos da União Soviética se solidarizam com a luta do povo coreano, pela reunificação de sua pátria, pela libertação da Coreia do Sul. A luta das forças progressistas do povo do Laos tem a nossa simpatia, para o fortalecimento da independência e da neutralidade de seu país natal.

Não pedimos, em troca da nossa ajuda, bases militares nem concessões, não impomos a ninguém acórdos leoninos, Não humilhamos os jovens Estados com "obras de benefi-



cência", nem os ofendemos com condições humilhantes, ao conceder-lhes empréstimos. O nosso princípio é o da igualdade e do respeito mútuo. Pode por acaso surpreender que os povos da Ásia, África e América Latina considerem seus amigos exatamente aos países socialistas?

Em nossas relações com os novos Estados nacionais, guiamos-nos pelos legados do nosso grande mestre Lênin, que já antes da Revolução de Outubro dizia que o proletariado triunfante seria o firme baluarte da libertação nacional de todos os povos oprimidos pelo imperialismo. Estamos firmemente convencidos de que a garantia do êxito na luta contra o imperialismo reside na reciprocidade e unidade de ação das grandes forças revolucionárias da atualidade: dos países do sistema mundial socialista, que se converte no fator decisivo do desenvolvimento mundial; do movimento revolucionário operário, internacional; do movimento nacional de libertação dos povos oprimidos; de tôdas as forças que lutam pela paz, pela democracia e pelo progresso no mundo todo. A unidade dessas forças nos assegura novos êxitos na luta antiimperialista.

Os comunistas têm plena consciência da responsabilidade histórica por nós assumida perante todos os povos, bem como das grandiosas tarefas que lhes apresenta a história. A fim de cumprir a nossa missão, temos que avançar, as mãos firmemente unidas, e mantendo bem alta a bandeira do internacionalismo proletário.

Para que os países socialistas, o movimento dos povos libertados, bem como os esforços de todos os homens progressistas do mundo tenham maior força ainda, a classe operária de todos os países do mundo têm que cerrar fileiras, ainda mais estreitamente, sob a palavra de ordem imortal: "Proletários de todos os países, uni-vos!"

É necessário lutar resolutamente contra a divisão das forças revolucionárias, qualquer que seja a divisão.

A divisão à margem das classes por continente, pela cor da pele ou por outros indícios, não significa unificação das forças da classe operária e dos trabalhadores em todos os países, e sim sua divisão. Tal divisão debilita as forças revolucionárias e possibilitará aos inimigos da revolução reprimirem aos trabalhadores. Esse princípio agrada aos imperialistas, porque lhes leva água ao moinho e ajuda-os a cumprir sua lei selvagem: "Dividir para dominar!"

Todos nós sabemos muito bem que os imperialistas so-nham enfraquecer a unidade do movimento comunista e a dos países do sistema socialista mundial. Os imperialistas

se dão conta, cada dia mais, de que não poderão vencer os países socialistas através da guerra. Começam já a compreender que tampouco obterão a vitória sobre nós na competição econômica pacífica dos dois sistemas. Por isso, depositam suas esperanças na cisão da comunidade socialista, bem como de todo o movimento comunista mundial.

Últimamente, pode-se ouvir uma nota nova no côro raioso dos anticomunistas. Alguns estrategistas do Ocidente partem do fato de que, à medida em que as forças dos países socialistas cresçam, aumentarão as contradições internas entre eles. Como podeis ver, os imperialistas abrigam esperanças de que, à medida em que a economia dos países socialistas aumentem seu poderio, possam surgir contradições insuperáveis entre eles. Evidentemente, medem o mundo do socialismo pela sua própria fita métrica, ao depositarem esperanças na divisão dos países socialistas; querem os imperialistas em particular avivar os preconceitos nacionais, herdados do mundo velho. Temos que dizer aos inimigos do socialismo, sem rodeios: "Nessa montaria, senhores, não irão muito longe!"

A tais intrigas dos inimigos do socialismo opõem os comunistas sua política consequentemente internacionalista. As relações entre os países socialistas regem-se, com firmeza, pelos princípios da igualdade e do respeito à soberania nacional, tomando estritamente em consideração os interesses nacionais e as peculiaridades de cada país. Ao mesmo tempo, fiéis à solidariedade internacional do movimento proletário, os partidos comunistas dos países socialistas partem em sua política, não apenas dos interesses de seu próprio país, como também dos interesses de todo o sistema socialista: fortalecem a amizade, a colaboração e a ajuda mútua.

Ensinava-nos V.I.Lênin a compreender e a realizar, em consequência, na vida, os altos princípios do internacionalismo proletário da luta intransigente contra qualquer manifestação de nacionalismo.

A vida demonstra que o nacionalismo pode ser dos pontos de vista revisionistas e dogmáticos. Por isso, os comunistas lutam incansavelmente contra quaisquer desvios da teoria marxista-leninista, contra o oportunismo tanto de direita quanto de "esquerda", em nome do fortalecimento da unidade das fileiras do movimento comunista, do reforçamento de sua influência em toda a marcha do desenvolvimento mundial. A nossa tarefa comum consiste em consolidar, em reforçar por todos os meios, a unidade do movi-



mento internacional comunista e operário, baseado na doutrina marxista-leninista.

Publicam-se, na imprensa burguesa, não poucas e absurdas invenciones sôbre as relações entre os Partidos Comunistas da União Soviética e da China. Como todos sabem, as delegações do PCUS e do Partido Comunista da China vão reunir-se em breve. Empregaremos todos os esforços necessários para que a entrevista consolide as nossas forças, elimine as diferenças na compreensão de alguns problemas.

Expressamos esperança de que a entrevista consolide ainda mais a coesão dos nossos partidos e de todo o movimento internacional comunista e operário. A grande causa do comunismo superará qualquer obstáculo em sua marcha para frente e triunfará no mundo inteiro.

Fortalecendo a unidade de nossas fileiras, criamos condições ainda mais favoráveis para o desenvolvimento do processo revolucionário internacional, para o fortalecimento da paz universal na construção do socialismo e do comunismo em nossos países.

Queria assegurar aos nossos amigos cubanos, a todos os partidários do socialismo e do progresso, que o Partido Comunista da União Soviética não poupará esforços, a fim de consolidar a frente única antilimperialista, aumentar a colaboração e assistência mútua entre os países socialistas, assim como ajudar ao movimento nacional libertador.

É-nos grato que a visita do companheiro Fidel Castro à União Soviética tenha contribuído para o fortalecimento da unidade não só entre os povos cubano e soviético, entre os nossos dois partidos, como também que tenha sido uma contribuição para o fortalecimento da coesão de toda a comunidade socialista e de todo o movimento comunista internacional.

Querido companheiro Fidel, queridos amigos cubanos, camaradas:

É grande a alegria dos soviéticos pelos êxitos obtidos no desenvolvimento da economia e da cultura na União Soviética. A realização e superação dos planos de economia nacional converteram-se em uma lei do desenvolvimento do país dos sovietses. A produção industrial e agrícola aumenta de ano para ano. Estamos convictos de que o plano setenal de desenvolvimento do nosso país será cumprido e superado.

Os trabalhadores da Federação da Rússia lutam ativamente para fornecer mais 30 mil milhões de rublos de produção sôbre o plano traçado. Para que os nossos amigos



cubanos tenham idéia mais completa do que significa essa cifra, direi que ela equivale a 33 mil milhões de pesos. E trata-se apenas da contribuição complementar da Federação da Rússia no presente setênio. Os trabalhadores de tôdas as repúblicas do nosso país lutam pela produção extra.

Quando Lênin e os bolcheviques chegaram à direção do país, havia muito pouca gente que acreditasse na realidade dos planos leninistas. Atualmente, quando é impossível silenciar os nossos êxitos, começaram no Ocidente a falar do "milagre russo". O que significa o "milagre russo", sob o poder soviético, mostraram-no, muito bem, os nossos amigos cineastas alemães Amélia e André Thorndike, na sua película documental.

O trabalho para si mesmo, para sua sociedade, para seu Estado popular, o trabalho dedicado a um futuro ainda melhor — eis a milagrosa força do mundo, capaz de infundir vida a tais manifestações do gênio humano, manifestações essas impossíveis de se imaginar sequer sob o capitalismo.

Pelo volume da produção, a União Soviética ocupa o primeiro lugar na Europa e o segundo no mundo. Fazemos, porém, aqui uma ressalva: ocupamos o segundo lugar somente por enquanto. Podemos por enquanto estar de acôrdo com o segundo lugar; porém, se passarão cinco, sete anos, e declaramos: o primeiro lugar é nosso! Ocuparemos êsse lugar, sem falta. Já é questão de futuro próximo.

Pelo ritmo de desenvolvimento da produção industrial, caminhamos firmemente na frente dos Estados Unidos da América. No ano passado, nos aproximamos muito dos EUA no nível da fundição de aço. A União Soviética já passou a frente dos norte-americanos na extração de mineral de ferro e hulha, na produção de cimento, máquinas-ferramentas, na potência dos tratores produzidos, na produção de manteiga, açúcar, tecidos de lã e de alguns outros produtos e artigos.

Há apenas dez anos, a produção industrial da União Soviética constituía 33% da dos EUA, enquanto que, atualmente, constitui já cêrca de 63%. Falando por metáforas, no ritmo de desenvolvimento, o nosso país, dá três passos, enquanto que a América do Norte dá apenas um. No fim de vinte anos, a União Soviética produzirá quase o dôbro dos artigos industriais produzidos atualmente por todo o mundo socialista. Isso, contudo, ainda não será o limite. Iremos avançando em ritmos cada vez mais rápidos.



Em nosso país, trabalham duas vezes mais médicos e se formam três vezes mais engenheiros do que nos EUA. É significativo o fato de que a primeira central atômica do mundo tenha sido construída pelas mãos dos soviéticos, bem como o primeiro rompe-gelo atômico no mundo, e que, pela primeira vez, se enviassem ao cosmo magníficas naves.

Quando se fala da emulação econômica pacífica com o capitalismo, avalia-se muitas vezes o nosso avanço apenas pelos índices do desenvolvimento da indústria e da agricultura. Mas não se trata somente da quantidade de petróleo, hulha, aço e produtos alimentícios produzidos por um ou outro país. Não se pode deixar de ver que, com o incremento da produção industrial e agropecuária, nos Estados Unidos da América e em outros países capitalistas, se aprofunda cada vez mais a desproporção entre o desenvolvimento da produção e a elevação do nível de vida do povo. Em troca, no nosso país, o nível de vida da população se eleva constantemente.

Basta dizer-se que um problema social tão agudo como o da moradia, é resolvido na União Soviética, em ritmos máximos. Na escala de construção de vivendas, a União Soviética ocupa o primeiro lugar no mundo. Nos primeiros quatro anos do sétênio foram construídos, somente nas cidades, 325 milhões de metros quadrados de superfície habitável. Isso supõe quase o dobro de todo o fundo, de vivendas, nas cidades da Rússia pré-revolucionária, que se construíram durante séculos. Seis mil novos apartamentos são habitados por dia, em nosso país. Construiu-se, no campo, durante o mesmo período, 2 350 mil casas.

O comunismo é a união de força social e política, que resolve de maneira mais conseqüente e completa os problemas sociais em benefício do homem e para seu bem, suprimindo o isolamento e a desconfiança entre as pessoas.

Para ter-se idéia mais verdadeira da magnitude do desenvolvimento industrial da União Soviética, temos que lançar uma vez mais um olhar para o caminho percorrido.

Há 45 anos, o nosso país era um dos mais atrasados no sentido econômico. As imensas riquezas da Rússia jaziam, inúteis, nas entranhas da terra; o povo, talentoso e trabalhador, vivia na miséria e na ignorância. A economia da Rússia czarista, como V.I. Lênin assinalou, era em relação aos modernos meios de produção quatro vezes inferior à da Inglaterra, cinco vezes à da Alemanha, e dez vezes a da



América do Norte. Os povos da Rússia haviam sido privados, em verdade, do ensino e da cultura.

O incremento da produção industrial na União Soviética e outros países membros do Conselho de Ajuda Econômica Mútua era em média anualmente de 11,7%, entre 1950 e 1961, enquanto que a dos países capitalistas era pouco mais de 5%. Tais cifras são confirmadas também pelos dados publicados, há alguns dias, pelo departamento de estatística industrial da ONU. Depreende-se desses dados que o crescimento da economia dos países socialistas é duas vezes mais rápido do que nos países do capitalismo.

Quando os correspondentes perguntaram a um representante da ONU por que a produção se incrementava mais rapidamente nos países socialistas do que nos capitalistas, ele negou-se a responder à pergunta. Podemos ajudá-lo a dar resposta verdadeira.

O incremento da produção industrial é mais rápido nos países socialistas do que nos capitalistas, sobretudo pelo fato de que a nossa economia se baseia nos princípios socialistas de administração da economia, na propriedade social dos meios de produção, e a economia se encontra em mãos do povo e é planejada. Eis aí o "segrêdo" de nossos êxitos, eis aí onde reside a força do regime socialista. O "milagre russo" é o marxismo-leninismo em ação.

Queridos amigos cubanos, camaradas:

Marchamos junto com vocês e com todos os países do socialismo para o futuro comunista, sob a bandeira de Marx, Engels, Lênin, sob a combativa bandeira da Comuna de Paris e da Revolução de Outubro. Um número sempre crescente de povos da Terra se agrupa sob essa bandeira revolucionária, e já não está longe o magnífico instante em que tôdas as pessoas sacudam as peias do velho mundo, penetrando na época de sua verdadeira história, na época do comunismo. Maior felicidade não existe do que lutar-se por esse porvir, do que ser construtor da sociedade comunista!

Os povos de nossos países agruparam-se num só impeto revolucionário, no afã comum de ir para frente, para o futuro luminoso. Irmãos e companheiros de luta pela causa comum, marchamos em uma só fileira em direção a um só objetivo recôndito!

É forte e indestrutível a nossa amizade. É pura, como manancial de montanha, é forte como apêrto de mão de trabalhador. O povo soviético, como amigo fiel, comparte sinceramente dos êxitos e dificuldades de seus irmãos cubanos. Não existem distâncias nem oceanos capazes de en-



fraquecer, nem de esfriar, êsses ardentes sentimentos vindos do fundo do coração.

Abre-se, diante de nós, amplo campo para a colaboração política e econômica, para o intercâmbio cultural e de posterior aproximação espiritual entre os nossos povos. A nossa amizade produzirá frutos cada vez melhores, enriquecerá mutuamente nossos povos, acelerará o nosso avanço conjunto para o socialismo e o comunismo.

Que viva e se desenvolva, pois, a indestrutível amizade fraternal dos povos da União Soviética e de Cuba!

Viva o heróico povo cubano que edifica o socialismo!

Viva o Partido Unificado da Revolução Socialista, vanguarda combativa do povo cubano!

Saudação fervorosa aos mensageiros do povo cubano, a seu herói e chefe, nosso grande amigo Fidel Castro Ruz!

Hurra! para Cuba revolucionária! (Os presentes ao comício interromperam muitas vezes o discurso de Nikita Kruschiov com clamorosos e prolongados aplausos).



000554



